



UM SÃO-TIAGUENSE DESBRAVOU A ZONA DA MATA

"Dentre os mais importantes povoadores pioneiros dos chamados "Sertões do Rio Pardo" na Zona da Mata Mineira (em inícios do século XIX) consta o nome do são-tiaguense Felisberto Gonçalves da Silva, assim devidamente consignado na História daquela região. Tornar-se-ia então um bem-sucedido homem de negócios e latifundiário na região que inclui hoje inúmeros distritos ou municípios como Argirita, Leopoldina, Espírito Santo do Dourado, Tarumirim, Guarará etc. Nos cartórios e livros paroquiais há registros de compra e venda de terras em seu nome e/ou de familiares".

Pág. 8

O antigo costume de fotografar falecidos

Nem "só" de Arquitetura, Literatura e Moda se faz a nossa herança da Era Vitoriana (período marcado pelo reinado de Vitória de Hanover entre 1837 e 1901 na Inglaterra). Na verdade, da mesma época se manteve outro nós uma prática considerada comum: fotografar entes falecidos como lembrança derradeira de sua passagem na Terra. Confira no artigo de Fernando Campos.

Pág. 11

Quem tem medo do 'homem do saco'?

Os apelidos do cidadão curioso – e perigoso – podem mudar de cultura em cultura ou de geração em geração. Mas a história é a mesma: à espreita, mesmo nas vizinhanças mais pacatas, um indivíduo impune sequestra criancinhas teimosas, arteiras ou desprevenidas e desaparece com elas. Se a identidade do ser folclórico é uma incógnita, porém, o mesmo não pode ser dito sobre possíveis origens dessa lenda.

Pág. 4

Quando música e política estão afinadas

Saudade, amor, lida no campo, vida no sertão, histórias com reviravoltas épicas. Impossível não se apaixonar pela Música Caipira "raiz", como costumamos dizer. Mas além do lirismo poético e de melodias caprichadas, a arte sertaneja também se preocupou sim com os rumos políticos do país – e houve quem "sofresse" com sátiras inteligentíssimas feitas à época.

Pág. 15

Em 2023, o boletim *Sabores & Saberes* foi chancelado como "projeto que estimula e fomenta o desenvolvimento de uma sociedade sustentável por meio da Educação, Formação e Cooperação". O reconhecimento, de importância nacional, veio do Instituto Sicoob.



PREÂMBULO

VIVÊNCIA E RESILIÊNCIA CRISTÃ

O pensador norte-americano Robert Putnan (livro "American Grace") exalta "o extraordinário poder das comunidades de fé em gerar capital social" ou seja a extensão das mãos em direção ao outro, em ações de mutualidade, de solidariedade em prol do desenvolvimento humano-coletivo, onde o saber se realiza e se concretiza no fazer. Impressionante como em todos os tempos, pessoas agem solidariamente, por maiores as intempéries, as convulsões e agruras cotidianas, em atitudes muitas vezes anônimas. "Lavam os pés uns dos outros" conforme a extraordinária passagem de Jesus, reunindo seus discípulos já no limiar da crucificação (Jo 13,15). Ação social, cooperação, reciprocidade, lealdade, compaixão deverão ser sempre nossos testemunhos de intimidade com Deus.

Infelizmente, a maioria de nós deixa-se fascinar por acúmulos de bens, desfrutes de prazeres impuros, até mesmo ditos ministros e servidores do Senhor, magnetizados por microfones, altares, palcos, holofotes em espetáculos de triunfalismo profano, cujas riquezas amealhadas – quando não extorquidas do rebanho – o ser servido, aplaudido, usufruidores de poderes nababescos, chafurdados em interesses econômicos e políticos espúrios. Autores consagrados como Michael Sandel (livro "A Tirania do Mérito") enaltecem, por sua vez, a chamada "justiça contributiva" na qual há ampla expansão da igualdade de condições, em que todos tenham acesso ao reconhecimento e à participação social, política e cultural. O espaço público comum, democrático, inclusivo – produzir, não apenas consumir!

O famoso teólogo John Stott chama tal postura de "contracultura cristã" ou seja os cristãos devem ser e se manifestar de forma diferenciada na sociedade, servindo, desapegando-se, renunciando, amando, esforçando-se, trabalhando, lembrando e exaltando sempre que tudo quanto existe é propriedade divina. "Tanto a prata quanto o ouro me pertencem, declara o Senhor dos Exércitos" (Ag 24-8). Tudo o que somos é pela graça afortunada de Deus – temos, porém, que agir, trabalhar os talentos, utilizar a toalha para lavar os pés do próximo. Para tal, somos convocados, desafiados. "Deus não se deixa aliciar sequer na proporção de milhares de carneiros e dez mil ribeiros de azeite" (Malaquias 6,7).

"Até a cegonha pelo ar reconhece a estação e as rolas e as andorinhas conhecem o tempo de sua arribação, mas o povo do Senhor não conhece a ordenação de Deus" (Jr 8,7).

Por que não repensarmos nossas posturas, nossos processos existenciais, colocarmos os interesses divinos acima de todos os outros (Mc 10,45), reconhecermos os tempos de arribação e ordenação?

Adivinhas/Charadas



- 1- O que é um A na testa?
- 2)- Qual é a voz mais desagradável?
- 3)- A vaca e o boi foram ao cinema, mas a vaca recusou a pagar sua entrada. Por quê?

Respostas: 1- Um atestado; 2- Voz de prisão; 3- Porque ela é mdo de vaca

Provérbios e Adágios

- A festa dure pouco e bem pareça
Quem quer festa, sua-lhe a testa
DEVAGAR chego depressa.
DEVAGAR se vai ao longe.
Dois narigudos não se beijam.

Para refletir

- "O futuro tem muitos nomes.
Para os fracos é o inalcançável.
Para os temerosos, o desconhecido.
Para os valentes é a oportunidade."

(Victor Hugo)

- "Mesmo quando tudo pede um pouco de calma/até quando o corpo pede um pouco mais de alma/a vida não pára

(Beto Guedes)

- É muito mais fácil destruir o impalpável do que o real

(Virgínia Wolf)

ARTIGO DE ALCANCE NACIONAL ABORDA A VIDA E OBRA DE MONS. FRANCISCO ELÓI QUANDO CAPELÃO MILITAR.

A pesquisadora Ana Amélia Gimenez Dias publicou artigo na Revista "Antíteses" de Londrina/PR vol. 17, nº 34, pp. 574-602, julho-dezembro 2024, sob o título "Soldado da memória: o pós guerra de Pe. Francisco Elói de Oliveira, ex. Capelão da FEB".

Em seu texto, conforme suas próprias palavras, a autora analisa a trajetória do Pe. Francisco Elói de Oliveira, ex capelão da Força Expedicionária Brasileira (FEB) com ênfase, ademais, em seu papel como agente de memória do período pós-segunda guerra mundial na cidade de São Tiago "Minas Gerais", ressaltando que "religiosidade e patrionalismo se fundem nas ações do padre, promovendo uma narrativa distinta na celebração cívica e espiritual da participação brasileira na guerra."

Peça de excepcional importância histórica, memorialística, biográfica e cívica, enfatizando a atuação de Mons. Elói como religioso, capelão, militar, educador, propulsor do desenvolvimento da comunidade são-tiaguense, o que muito nos honra.

Expediente



credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

O boletim é iniciativa independente, popular, voluntária. Assim, precisa do apoio de São Tiago e região; de pessoas comprometidas com o desenvolvimento e a preservação da memória coletiva. Contribua conosco! Somando esforços, multiplicamos Cultura e Tradição.

Comissão: Adriana Martins, Elisa Coelho, Fabiana Diélla
Coordenação: Ana Clara de Paula
Redação: João Pinto de Oliveira
Colaboração: IHG – São Tiago
Apoio: Maria Luiza Santiago de Paula
Revisão: Fábio Caputo e Sandra Caputo
Jornalista Responsável: Marcus Santiago (MTB 19.262/MG)

Os homens e seus velórios

**"Vejo uma igreja,
um sinal de glória, (...)
Conheci as torres e
os cemitérios,
Conheci os homens
e os seus velórios (...)"**

Paisagem da Janela – Música e letra: Lô Borges e Fernando Brandt

A canção Paisagem da Janela, que faz parte do álbum de estreia do Clube da Esquina de 1972, retrata imagens universais que ganham

uma visão especial e uma roupagem particular nos interiores de Minas Gerais, entre elas o velório. Não é agradável falar sobre a morte verdadeira, enquanto a vida sempre é celebrada. As duas, caso fossem frutas ou legumes, seriam irmãs siamesas diferentes, mas ainda assim geminadas feito um filipe, o que nos permite algumas observações sobre a instituição do velório.

O velório é um costume tradicional, uma reunião de celebração, homenagem, de atenção pessoal e pêsames, feita de corpo presente, que familiares, parentes, amigos e conhecidos realizam no período entre o momento da morte e a hora do sepultamento. A origem da palavra carrega o seu significado primordial, vigília feita para um corpo, entre velas de parafina com os pavios acesos, quando ainda não existia iluminação elétrica.

Era natural que eles fossem realizados na residência de quem morreu ou algo similar, menos por também ser um costume e mais por imposição da realidade de não haver ainda espaços públicos com esse propósito. Com a explosão populacional e o consequente aumento da taxa de mortalidade absoluta a tendência apontou para a implantação de velórios públicos e municipais, particulares e religiosos. Estes são ou deveriam ser ambientes profissionalmente preparados para sua finalidade, bem equipados, laicos ou no mínimo ecumênicos não obstante a onipresença dos símbolos da igreja católica. Em São Tiago, depois da tentativa frustrada da Funerária Resende de manter uma estrutura à Rua Dom Bosco os velórios tem sido realizados no próprio cemitério paroquial e na Funerária Rodrigues, à Praça São Vicente de Paula, convenientemente próximos à Igreja do Rosário, onde o último ato religioso costuma ser realizado.

Um velório é um ambiente complicado, mas ainda assim uma ocasião social, sujeita a protocolos respeitáveis, gafes e imprevistos que podem advir da quebra involuntária da tensão emocional que engessa o ambiente. Um tropicão, alguém que fala mais alto, aquele sujeito sempre pronto para fazer a oratória de elogios ao falecido, um desafeto dissimulado prestando condolências, a presença de um amor do passado, a volta de alguém que não foi perdoado e mais uma constelação de surpresas podem estilhaçar a textura do momento. Se por um lado os parentes próximos estão abalados, as outras pessoas estão abertas a níveis diferentes de descontração, de acordo com seu grau de proximidade e envolvimento com quem partiu. O trio famoso de amigas Hebe Camargo, Lolita Rodrigues e Nair Belo confessou ao Jô Soares que não podiam ir a um velório juntas pelos acessos de riso juvenil que proporcionavam.

Pode ocorrer que vontades e desejos do finado, bem recomendadas em vida, sejam atendidos durante seu próprio ve-



lório. Que a bandeira do time de futebol do seu coração seja estendida sobre o caixão! Ou, que seja então a bandeira de sua congregação religiosa! Que certa música de sua preferência seja tocada e cantada! Que o velório seja realizado em outro lugar de relevância em sua vida! Ou que, em caso extremo, seu ato final seja uma festa verdadeira forrada de comes e bebes e

música ao vivo!

Na alta madrugada, mesmo com o friozinho que toda noite de São Tiago trás consigo, um corajoso grupo de gatos pingados velam os mortos e os tristes, não os abandonando na solidão que envolve cada um. É cruel e discutível, mas o número de participantes de um velório é parâmetro para determinar o valor em vida do morto.

O velório feito em casa era cheio de singularidades. Bastava simplesmente chegar a notícia de que o morador de certa residência faleceu que um mecanismo eficiente, porém informal, era posto em funcionamento e monitorado de imediato por vizinhos, amigos e familiares mais duros e fortes. Estas são pessoas de iniciativa, elogiadas como expeditas, pragmáticas, experientes em dar andamento às necessidades mundanas que a situação exige. Coisas como empurrar um parente atordoado para ir até funerária definir o modelo de urna, escolher um cômodo da casa, retirar os móveis, dispor cadeiras e planejar a disposição de caixão, castiçais e coroas de flores. Por outro lado, cuidar dos outros moradores amparando-os em sua tragédia e tentando evitar o desespero, alimentando-os e separando locais de intimidade para o seu luto. E mais, preparar café e comprar quitandas para deixar a disposição dos presentes, de preferência lá no fundão, na copa e cozinha. No instante em que for necessário estarão a postos os especialistas em conduzir as ladainhas de orações ou puxar os cânticos religiosos.

O fundão também era propício para conversas mais descontraídas e animadas, para contar casos e piadas mais discretas, mesmo em tom baixo de voz. Não haveria espanto se surgisse uma pinguinha para uns tragos curtos, sem ostentação. Existe até uma expressão pitoresca para se referir a isso: "beber o morto"! Honrar o falecido através de um brinde respeitoso. Servir tira-gosto intencionalmente, nunca, seria considerado uma falta de respeito, mas sempre pode aparecer um pedaço de queijo, uma sobra de angu ou um resto de linguiça que ficou da última refeição!

Existe um consenso geral equivocado de que agora é proibido realizar velórios em residências, principalmente depois das restrições baixadas na Pandemia do Covid-19. Entretanto, é permitido, ainda que contraproducente e pouco prático. Ficou mais raro, mais ainda acontecem. Novidades no mundo digital alardeiam a existência de velórios online e ao vivo. Caso o futuro estabeleça como padrão essa opção esterilizada, distante e compatível com o espírito da época para simular presença prestando homenagens e pêsames, será válido sentir que, além do defunto em questão, outra urna foi lacrada e alguma outra coisa também morreu!

Fabio Antônio Caputo

FOLCLORE

“O VELHO DO SURRÃO” OU “O HOMEM DO SACO”



O mito ou conto do “velho do surrão” ou ainda do “velho do saco” compõem a oralidade universal, aparecendo registrados, sobretudo, em obras usuais da literatura ibérica como “Contos Tradicionais do Povo Português” de Teófilo Braga e ainda em “Os Melhores Contos Populares de Portugal” de Câmara Cascudo. Há várias variantes, mundo afora, compondo o folclore mundial, intituladas “homem do saco”, “papa-figo”, ⁽¹⁾ “ogro”, “bicho papão”, igualmente registradas no Brasil por autores como Silva Campos (“Contos e fábulas populares da Bahia”) e até mesmo na oralidade africana da nação ioruba conforme mencionado por Nina Rodrigues (“Os Africanos no Brasil”). Tema igualmente presente na literatura de cordel.

Personagem sinistro, apresentado como um homem com um saco nas costas, onde carrega crianças malcriadas ou por ele raptadas. Em várias partes da América Espanhola, é conhecido como “hombre del costal” ou “hombre del saco”. No Chile e Argentina é apresentado como “el viejo del saco”. No Brasil, é retratado como um homem adulto, por vezes alto, na forma de andarilho ou vagabundo, portando um saco nas costas, recolhendo crianças desobedientes ou incautas para fins nefastos.

Na Espanha, é geralmente retratado como um velho magro, feio, malvado, que rapta crianças, conceito que se irradiaria pelo País, quando em 1910 o menino Bernardo Gonzalez Parra foi sequestrado e morto barbaramente por Francisco Leona Romero na cidade de Gador. Crime brutal que popularizaria a lenda do “homem do saco”. No Brasil,

tivemos o rumoroso caso do “homem do saco” ou “maniaco da bicicleta” quando o psicopata Laerte Patrocínio Orpinelli confessou ter raptado e assassinado cerca de 100 crianças na região de Rio Claro (SP) entre os anos de 1970 a 1990.

Para alguns estudiosos, a lenda do “homem do saco” estaria ligada/consoada, ainda, ao músico ou flautista de Hamerlin⁽²⁾.

OUTRO ENREDO – A história de uma menina que, ao se banhar num riacho em companhia de amigas, perde seus brincos de estimação, que lhe foram presenteados pela avó. Foram eles, porém, roubados por um velho. Ao tentar reaver os brincos, o velho a aprisiona num surrão (saco de lona), obrigando-a a cantar, objetivando com isso ganhar dinheiro. Em tese um conto popular infantil (história da carochinha) mas de raízes que se perdem no imemorial dos tempos.

A presença eventual – ou a simples menção ao “homem do saco” gerava temor, apreensão entre crianças e mesmo adultos no passado. Era comum a passagem de andarilhos, mesmo malfeitores, gente do mundo, por fazendas e povoações, munidos de sacarias, onde acondicionavam toda sorte de trastes, quinquilharias, catrevagens, miuçalhas, inutilidades, bruzundungas, obsolescências. Quando em grupos, tais nômades eram intitulados “ciganos”. Um desses tipos ambulantes e andejes, movidos a chá de pé de cachorro, como se dizia – e de grande notoriedade, em nossa região, meados do século passado – foi “Quente-Fervendo”⁽³⁾.

NOTAS

(1)– O “papa-figo”, na versão e visão popular, é uma pessoa de grande poder econômico que sofre de doença tida como incurável e que faz qualquer coisa para se curar, inclusive raptar, assassinar crianças, alimentando-se do fígado de suas vítimas.

(2)– O mito do “homem do saco” é, como vimos, de origem europeia medieval: o trauma e o temor do rapto de crianças por desconhecidos. Alguns autores mencionam, a esse respeito, a conhecida e clássica história do “Flautista de Hamelin”, cujo enredo básico é o mesmo: no século XIII, na cidade alemã de Hamelin, infestada de ratos, um flautista é contratado para livrá-la dos roedores, utilizando-se das notas hipnóticas de sua flauta.

O plano dá certo. A cidade, porém, recusa-se a pagar o flautista pelos serviços prestados. Este, em vingança, toca sua flauta pelas ruas da cidade, atraindo hipnoticamente as crianças da localidade, as quais, em transe, o acompanham, desaparecendo para sempre. A história do flautista, bem como o mito do “homem do surrão”, nos fala de valores importantes como a gratidão, a necessidade de reconhecimento do trabalho alheio, de honrar sempre nossos compromissos e os riscos corridos pelos mais vulneráveis, como as crianças, ante desconhecidos.

(3)– Sobre o célebre andarilho “Quente Fervendo”, ver matéria em nosso boletim nº III, nov./2007.

Há quem afirme que o personagem Bento Carneiro, celebrizado por Chico Anysio, foi inspirado em Quente-Fervendo. O conhecido artista Rolando Boldrin, que esteve, em pesquisas, pela região em fins do século passado, também se inteirou das narrativas e (des)venturas de Quente-Fervendo.

A FIGURA DO VELHO ACHA-SE PRESENTE NO FOLCLORE E NA ARTE POPULAR BRASILEIRA. ALGUNS EXEMPLOS:

Bebegueba – chefe ou o velho do pastoril (folclore nordestino), em cujas encenações aparece/representa com calças largas, paletós, alambasados, colarinhos folgadoísimos, ditos, pilhérias e canções (alguns obscenos ou picantes) animando o espetáculo.



IA

O velho do rio – guardião espiritual que zela pela natureza, cura pessoas, auxilia-as acaso se percam na imensidão do pantanal ou rios. Divulgado pela teledramaturgia brasileira – novela Pantanal.



IA

Pai do mato (Mãozão), velho hirsuto, podendo assumir a forma de um bicho peludo como anta, onça etc. Ecoa fortes gritos pelas matas, protegendo-as contra interferências humanas.



ANDERSON AWWAS / AWWAS / FOLCLOREBR

Sinhozinho – figura de um estranho que surgiu em meados do século XX na região de Sorriso/MT Magro, estatura baixa, olhos e cabelos claros, receitava remédios fitoterápicos, curava enfermos, utilizava-se de água e cinzas em seus rituais de cura, atraindo muitas pessoas. De origem desconhecida, assim como surgiu, desapareceu, havendo burburinhos de que fora assassinado por pessoas incomodadas com sua popularidade.



ARTE DE BIRGITTE TUMMLER/DICULGAÇÃO

Chico Taquara – eremita e curandeiro surgido em São Tomé das Letras/MG em meados do século passado. Dizia-se que morava em uma das muitas grutas da região e que transitava entre portais interdimensionais, tendo contacto com seres extraterrestres (ufologia). Realizava curas, movia-se e convivia tranquilamente entre animais, ainda que selvagens, tendo dons paranormais como o da ubiquidade (estar em locais diferentes ao mesmo tempo).



JORNAL.SAOTOME.ONLINE/DIVULGAÇÃO

Entre memórias de cantos e coroas

Nasci na pequena cidade de São Tiago, após dezoito anos de sua emancipação política, no dia 18 de fevereiro de 1.967, exatamente um ano depois de meu irmão mais velho. Vivenciamos neste período o regime militar, mas esse fato não me causava muita estranheza, pois falar de política na época era um tabu, principalmente para as mulheres.

Enfrentei uma dura infância e adolescência. Éramos muito pobres, precisava ajudar nos deveres de casa e meus irmãos precisaram começar a trabalhar ainda muito jovens. Vestia-me com roupas doadas e sapatos já usados. Levava uma vida simples, sem regalias. Todavia, vivenciei uma adolescência maravilhosa. Acredito que os jovens de hoje perdem muito por não terem a sorte de experienciar a mesma adolescência que nós, e não terem noção de como foi. Mesmo com a necessidade do trabalho prematuro e a falta de dinheiro para gastar em bar e bailes, conseguimos aproveitar de outras maneiras saudáveis. Essa parte da minha vida me ajudou a formar quem eu sou.

Frequentei poucos bailes em minha juventude porque meus pais não permitiam. Os que participei aconteciam na chamada "Garagem", que ficava onde atualmente se encontra um ponto comercial, perto do açougue do Laerte. As músicas eram tocadas através de um som mecânico e os bailes possuíam uma vantagem para mim quando o assunto era o horário, meus pais não deixavam-me ficar até tarde, contudo, o baile começava cedo e acabava por volta das onze da noite. Eram eventos muito dançantes, com músicas bem lentas, no estilo bem de antigamente.

Quando completei meus dezessete anos me juntei à Banda Magnatas, onde eu cantava. Com a criação da banda começaram a ter os bailes na Sede Social Santiaguense, deixando então a "Garagem" de ser o único ponto. Isso aconteceu quando eu me formei, no ano de 1.984, antes de conhecer meu marido Tadeu. Cheguei até a viajar com a banda para as cidades vizinhas, nós íamos para Nazareno, Bom Sucesso, Oliveira, Carmo da Mata, entre outras.

Um ano depois, quando já estava com meus dezoito anos, fui convidada para participar do concurso de Miss. Foi algo muito engraçado, porque eu mesma não queria participar. E me disseram: "Não, você tem que participar!". Então os organizadores do concurso colocaram meu nome. Creio que participaram por volta de vinte meninas.

Dentre todas as concorrentes, eu era a com pior condição financeira, levava uma vida tão humilde que não possuía nem dinheiro para comprar um vestido para o desfile. E todas as outras meninas estavam regadas a pompa, iam até São João Del Rei para comprar os vestidos mais belos e brilhantes junto com jóias caras. Minha mãe, porém, era uma costureira prendada e disse para mim, que caso desejasse participar, ela faria para

mim um vestido simples. Ela comprou uma malha e fez vestido azul claro, bem colado ao meu corpo que me desenhava por inteiro, pois possuía um corpo esbelto.

Quando saiu o resultado do concurso, não conseguia acreditar que eu com o vestido mais simplório dentre todas, levei o prêmio. Estávamos todas esperando no camarim, na hora eu estava distraída e não escutei o que foi dito. As meninas que estavam concorrendo me avisaram falando: "Você ganhou, estão te chamando". Somente então compreendi o que havia acontecido, que eu venci o concurso.

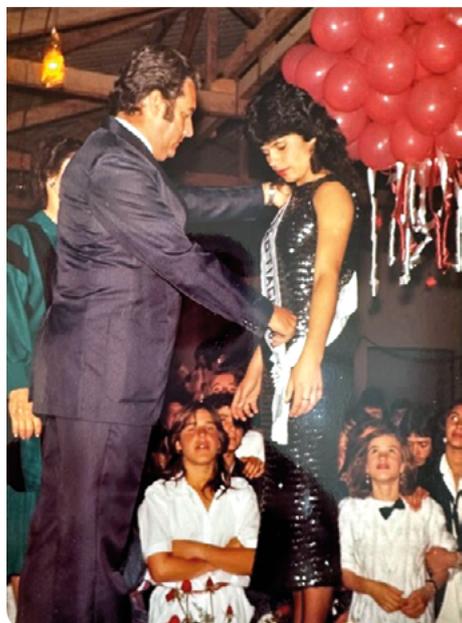
O concurso de Miss aconteceu no mês de abril, e eu só fui coroada no mês de julho. Para essa coroação, o prefeito arrumou um carro com motorista e eu juntamente com mais uma pessoa, que era uma amiga minha, fomos à Belo Horizonte para poder fazer as compras para o desfile. O prefeito proporcionou-nos cheques em branco e entramos no shopping mais chique de Belo Horizonte, uma vista impressionante que nunca tinha presenciado antes.

Comprei uma roupa muito chique para usar no dia vinte e seis de julho, pois é o dia da emancipação da cidade. Na data prevista, houve um almoço com vários deputados, com vários políticos importantes que vieram para São Tiago. Eu também participei desse almoço, com o intuito de ajudar o prefeito a receber estas ilustres pessoas.

Havia outra roupa que seria usada para eu vestir durante à noite. Um vestido belíssimo, todo de paetê preto, chiquíssimo, com o qual fui coroada. Estava também com uma capa azul enorme e com uma faixa linda que me condecorou Miss São Tiago, que eu tenho até hoje. Foi um espetáculo total, um baile somente para minha coroação, com uma passarela maravilhosa, onde todo mundo estava me olhando no momento em que prefeito me coroou.

Esse concurso abriu portas em minha vida, porque acabou que eu fiquei muito conhecida. Só sou a Mara que sou por isso. Através do concurso, eu consegui trabalhar na prefeitura, porque o prefeito, que na época era o Sr. Guido Reis, foi o mesmo prefeito que me coroou. Logo depois, ele me chamou para trabalhar com ele como recepcionista da prefeitura e após eu passei a ser secretária. Com este trabalho, a situação foi melhorando na minha vida e na minha família também. O meu primeiro trabalho, com carteira assinada ainda por cima, foi extremamente bom e importante, e tudo isso por intermédio de algo que parece tão banal e fútil nos olhos dos outros.

Alicia Campos Abreu, Larissa Almeida Campos, Lavinia Rios e Passos
2º Ano (2024). "Conteúdo de Narro, Logo Existo"



RELICÁRIO ESPIRITUAL

Se Deus é nosso Pai, somos todos irmãos...



Conto judaico

UM velho rabino perguntou certa feita aos discípulos como se podia saber o momento em que a noite acaba e o dia começa.

— Seria quando é possível distinguir de longe, sem dificuldade, um cão de um carneiro?

— Não — diz o rabino.

— Seria quando é possível diferenciar uma tamareira de uma figueira?

— Não — diz o rabino.

— Mas então quando é? — perguntam os discípulos.

O rabino responde:

— Quando, olhando o rosto de qualquer homem, reconhecermos o nosso irmão ou a nossa irmã. Até então, ainda é noite no nosso coração.

Mas será tão evidente?

Aprendemos a voar como os pássaros, a nadar como os peixes; mas não aprendemos a arte de viver como irmãos.

Martin Luther King

JESUS DISSE AOS SEUS DISCÍPULOS: “NÃO PERMITAIS QUE VOS CHAMEM ‘RABI’, POIS UM SÓ É O VOSSO MESTRE E TODOS VÓS SOIS IRMÃOS.

A NINGUÉM NA TERRA CHAMEIS ‘PAI’, POIS UM SÓ É O VOSSO PAI, O CELESTE”.
(EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS 23,8-9)

PAI NOSSO

... Há então harmonia e paz.



Quando os sabres estão enferrujados...

QUANDO os sabres estão enferrujados e as pás, luzidias, as prisões vazias e os celeiros cheios, os degraus do templo gastos pelos passos dos fiéis... quando as cortes estão cobertas de mate, os médicos andam a pé, os padeiros andam a cavalo, e quando há muitas crianças, o Império é bem governado.

Provérbio chinês

Elas aprenderão palavras que não compreenderão

Um dia, as crianças aprenderão palavras que

não compreenderão.

As da Índia vão perguntar: Que é fome? As do Alabama: Que é segregação racial? As crianças de Hiroshi-

ma vão se espantar:

Que é bomba atômica? E, nas escolas, todos vão perguntar: Que é guerra? Quem responder dirá:

São palavras que não empregamos mais, como “diligência”, “galês” e “escravidão”. Palavras que perderam o sentido e, por isso, não estão mais nos dicionários.

Para os cristãos, essa harmonia e essa paz são fruto do Espírito do Pai:

“HÁ UM SÓ CORPÔ E UM SÓ ESPÍRITO, ASSIM COMO É UMA SÓ A ESPERANÇA DA VOCAÇÃO A QUE FOSTES CHAMADOS; HÁ UM SÓ SENHOR, UMA SÓ FÉ, UM SÓ BATISMO; HÁ UM SÓ DEUS E PAI DE TODOS, QUE É SOBRE TODOS, POR MEIO DE TODOS E EM TODOS”.

(CARTA DE SÃO PAULO AOS EFÉSIOS 4,4-6)

A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO. ELE DIZ AINDA: “UM HOMEM TINHA DOIS FILHOS, O MAIS JOVEM DISSE AO PAI: ‘PAI, DÁ-ME A PARTE DA HERANÇA QUE ME CABE’. E O PAI DIVIDIU OS BENS ENTRE ELAS. POUCOS DIAS DEPOIS, AJUNTANDO TODOS OS SEUS HAVERES, O FILHO MAIS JOVEM PARTIU PARA UMA REGIÃO LONGÍNQUA E ALI DISSIPOU SUA HERANÇA NUMA VIDA DEVASSA. E GASTOU TUDO. SOBREVEIO ÀQUELA REGIÃO UMA GRANDE FOME E ELE COMEÇOU A PASSAR PRIVAÇÕES. FOI, ENTÃO, EMPREGAR-SE COM UM DOS HOMENS DAQUELA REGIÃO, QUE O MANDOU PARA SEUS CAMPOS CUIDAR DOS PORCOS. ELE QUERIA MATAR A FOME COM AS BOLOTAS QUE OS PORCOS COMIAM, MAS NINGUÉM LHAS DAVA. E CAINDO EM SI, DISSE: ‘QUANTOS EMPREGADOS DE MEU PAI TÊM PÃO COM FARTURA, E EU AQUI, MORRENDO DE FOME! VOU-ME EMBORA, PROCURAR O MEU PAI E DIZER-LHE: PAI, PEQUEI CONTRA O CÉU E CONTRA TI; JÁ NÃO SOU DIGNO DE SER CHAMADO TEU FILHO. TRATA-ME COMO UM DOS TEUS EMPREGADOS’. PARTIU, ENTÃO, E FOI AO ENCONTRO DE SEU PAI.

ËLE AINDA ESTAVA AO LONGE QUANDO SEU PAI O VIU, ENCHEU-SE DE COMPAIXÃO, CORREU E LANÇOU-SE-LHE O PESCOÇO, COBRINDO-O DE BEIJOS. O FILHO, ENTÃO, DISSE-LHE: ‘PAI, PEQUEI CONTRA O CÉU E CONTRA TI; JÁ NÃO SOU DIGNO DE SER CHAMADO TEU FILHO’. MAS O PAI DISSE AOS SEUS SERVOS: ‘IDE DEPRESSA, TRAZEI A MELHOR TÚNICA E REVESTI-O COM ELA. ONDE-LHE UM ANEL NO DEDO E SANDÁLIAS NOS PÉS. TRAZEI O NOVILHO CEVADO E MATAI-O; COMAMOS E FESTEJEMOS, POIS ESTE MEU FILHO ESTAVA MORTO E VIERA A VIVER; ESTAVA PERDIDO E FOI REENCONTRADO”.

(EVANGELHO SEGUNDO SÃO LUCAS 15,11-24)

... PERDOAI-NOS AS NOSSAS OFENSAS

“Tudo se transforma em graça, mesmo os pecados”

Para Deus, tudo se transforma em graça. Mesmo o fracasso, mesmo os pecados. E nossos maus passos ele sabe converter passo à frente. Se isso for do nosso desejo...



O diamante estriado

UM jovem príncipe do norte da Índia, muito belo e muito rico, apaixonou-se certo dia por uma bela princesa do estado vizinho. O casamento é decidido. E, como sinal e como penhor de amor eterno, ele lhe dá o mais belo diamante dos seus tesouros, a ser engastado no centro da preciosa coroa que ele pretende lhe oferecer na manhã de núpcias.

Ele confia o diamante ao seu joalheiro favorito. Mas este, num instante de distração, deixa a ferramenta deslizar num momento delicado do engaste. Isso produz uma estria em toda a extensão da maravilhosa jóia!

Desespera-se o artista. E, mais do que ele, o príncipe. E todo o país se compadece do seu infortúnio, pois ele era muito amado.

Certa tarde, um velho artesão se apresenta ao palácio: — Príncipe, soube da vossa tristeza. Confiai-me por uma noite vosso diamante.

...E, quando o dia raia, o artesão leva ao príncipe maravilhado a mais bela jóia já vista. Com habilidade e paciência, o talentoso lapidador tinha feito da profunda ranhura o próprio talo de uma esplêndida rosa desabrochada, brilhando agora deslumbrantemente.

“HOJE ESTARÁS COMIGO NO PARAÍSO.”

CHEGANDO AO LUGAR CHAMADO CAVEIRA, LÁ O CRUCIFICARAM, BEM COMO AOS MALFEITORES, UM À DIREITA E OUTRO À ESQUERDA. UM DOS MALFEITORES SUSPENSOS À CRUZ O INSULTAVA, DIZENDO: “NÃO ÉS TU O CRISTO? SALVA-TE A TI MESMO E A NÓS”. MAS O OUTRO, TOMANDO A PALAVRA, O REPREENDIA:

POVOAMENTO DA ZONA DA MATA OS SERTÕES DO RIO PARDO A FIGURA PROEMINENTE DO SÃO-TIAGUENSE FELISBERTO GONÇALVES DA SILVA

Dentre os mais importantes povoadores pioneiros dos chamados “Sertões do Rio Pardo” na Zona da Mata mineira, em inícios do século XIX consta o nome do são-tiaguense Felisberto Gonçalves da Silva, assim devidamente consignado na história daquela região. Tornar-se-ia ali um bem sucedido homem de negócios e latifundiário, região que inclui hoje inúmeros distritos ou municípios como Argirita, Leopoldina, Espírito Santo do Dourado, Tarumirim, Guarará etc. em cujos cartórios e livros paroquiais há registros de compra e venda de terras em seu nome e/ou de familiares.

Felisberto Gonçalves da Silva (que aparece registrado também como Felisberto da Silva Gonçalves) nasceu e foi batizado na “capela de São Tiago, serra da Bituruna, filial da vila de São José” filho de Domingos Gonçalves de Carvalho e Maria Victória de Jesus Xavier, esta irmã do Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes⁽¹⁾.

Por volta de 1810, os irmãos Felisberto e Domingos Gonçalves, acompanhados de esposa, filhos e escravos, ocuparam terras nas vertentes do Rio Pardo. No Registro de Terras de 1855/1856, Felisberto Gonçalves aparece como vizinho/confrontante da Fazenda do Socorro, de propriedade dos herdeiros de José Joaquim Monteiro de Barros (1777-1855).

O Guarda Mór Felisberto Gonçalves da Silva casou aos 29-09-1802 na capela de São Tiago com Ana Bernarda da Silveira, esta batizada aos 11-03-1779, filha do Cap. Bernardo José Gomes da Silva Flores e D^a Joaquina Bernarda da Silveira (família Amaro da Silveira)⁽²⁾. O primeiro filho do ca-

sal, Antonio Felisberto Gonçalves da Silva nasceu em São Tiago aos 02-01-1804.⁽³⁾

Felisberto Gonçalves da Silva, migrando para a região da Mata, recebeu concessão de terras aos 02-12-1813, juntamente com seu irmão Domingos Gonçalves de Carvalho c/c Antonia Rodrigues Chaves, residentes na “barra do córrego Fortaleza, no ribeirão chamado Pardo, sertão do Pomba, termo da vila de Barbacena”.⁽⁴⁾

No censo de 1831, Felisberto Gonçalves aparece como possuidor de 33 escravos, o terceiro maior proprietário de cativos, no então distrito e curato do Espírito Santo, termo de Barbacena. Segundo a historiadora Ângela Vianna Botelho “na Zona da Mata, precocemente percorrida pelas bandeiras desde fins do século XVII, a população só cresceu no início do oitocentos por causa da cafeicultura” (“Dicionário Histórico de Minas Gerais – Período colonial” Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2013, p. 326).

O último registro localizado a respeito de Felisberto Gonçalves da Silva é seu alistamento eleitoral de Argirita (1863) onde consta sua exclusão do rol de eleitores com a informação de estar sofrendo de “demência senil”. Segundo os historiadores leopoldinenses José Luiz Machado Rodrigues e Nilza Cantoni, que pesquisaram a história da região, inclusive sobre Felisberto Gonçalves, o desaparecimento de vários livros paroquiais dificulta, sobremaneira, o levantamento de grau de parentesco e descendências dos antigos moradores daquela região.



NOTAS

(1) D^a Maria Victória de Jesus Xavier, batizada na capela de São Sebastião do Rio Abaixo (Ritópolis) aos 22-07-1742, filha de Domingos da Silva Santos (1698-1757) e Antonia da Encarnação Xavier (1721-1755); casou-se com Domingos Gonçalves de Carvalho aos 01-10-1759 na matriz de Nossa Senhora da Conceição de Prados, ele n/b na freguesia de São João de Arneja, termo de Basto, comarca de Guimarães, filho de Antonio Gonçalves e Maria Mendes, sendo testemunhas de casamento, Pe. João de Resende Costa e Pe. João Gonçalves de Moura e celebrante o Pe. Manoel Martins de Carvalho (Pesquisas de Artur Resende).

Filhos do casal:

1- **Guarda Mór Felisberto Gonçalves da Silva** n/b na capela de São Tiago, nascido provavelmente em 1765; c/c Ana Bernarda da Silveira aos 29-09-1802 na capela de São Tiago.

2- **Guarda Mór Domingos Gonçalves de Carvalho** (1766-c.1850), batizado aos 13-07-1766 na capela de Glaura, Ouro Preto, c/c Antonia Rodrigues Chaves, filha do Cap. André Rodrigues Chaves e D^a Gertrudes Joaquina da Silva (família "Valentina de Matos"), cerimônia realizada na capela de Lagoa Dourada aos 16-08-1808. Filha do casal: Maria Victória de Jesus, batizada na capela de São Tiago (1809), c/c Antonio Dutra Nicácio, filho de Antonio Dutra Nicácio e D^a Maria Joaquina aos 02-08-1826 na Ermida de Nossa Senhora da Ajuda em Barbacena.

• Requerimento de Domingos Gonçalves de Carvalho, morador da vila de São José, comarca do Rio das Mortes, datado de 28-05-1802, solicitando sua confirmação na "serventia de guarda mór substituto de terras e águas minerais no distrito das capelas de São Sebastião, Santa Rita, São Tiago e Nossa Senhora do Bom Sucesso do dito termo e vila" (AH-U-Conselho Ultramarino Brasil/MG cx. 163, doc. 15).

O Guarda-Mór Domingos Gonçalves de Carvalho foi o testamenteiro e herdeiro universal de seu tio Pe. Antonio da Silva Santos, proprietário da Fazenda Castelo, aplicação de Nossa Senhora dos Remédios, "no alto da Serra da Mantiqueira".

(Testamento de Pe. Antonio da Silva dos Santos - Datado de 26-03-1803, aberto aos 06-12-1805 - MRSJDR - Cx. R-119).

O testamento de Pe. Antonio da Silva dos Santos tem algumas singulares, a saber: "dinheiro e barras de ouro e pratas (acham-se) escondidos em uma mesa de cabiuna preta com espelho dourado", deixando, "10 oitavas de ouro a cada um (escravo) por me terem aturado a tantos anos as minhas impertinências".

(Pe) Antonio da Silva dos Santos, com 10 anos (1755) requereu abertura do processo de habilitação sacerdotal aos 09-12-1756 juntamente com o seu irmão Pe. Domingos da Silva Xavier (De Genere Vita et Moribus - Pe. Antonio da Silva dos Santos - 1755 - armário 02, pasta 0307 - Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana).

3- **Antonia Maria de Jesus c/c Antonio Moreira de Vasconcelos**, n/b na vila de São João Del-Rei em 1761, proprietários da Fazenda Boa Vista, no atual município de Ritópolis. Local e data do casamento imprecisos, em função do documento estar muito danificado.

Domingos da Silva Santos e Antonia da Encarnação Xavier redigiram testamento em comum em 1751, aberto aos 01-12-1755. D^a Maria Victória de Jesus Xavier faleceu aos 01-11-1798, sendo sepultada, solenemente, no dia seguinte na Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis em São João Del-Rei.

FONTES

- "Os Rodrigues Dantas e os Silva Xavier" cap. 2º Projeto Compartilhar
- Silva Xavier-Leopoldina MG - cantoni.pro.bo/blog/tag/silva-savier, acesso aos 03-02-2017
- "Antonia da Encarnação Xavier" Projeto Compartilhar
- Acervo de Sebastião Tatagiba - <https://acervosst.word.press/maria-victoria-de-jesus-xavier>, 09-07-2022

D^a Maria Victória de Jesus Xavier, como vimos, foi se-

pultada aos 01-12-1798 na Igreja de São Francisco de Assis em São João Del-Rei

Irmãos de D^a Maria Victória de Jesus Xavier:

I- **Pe. Domingos da Silva Xavier**, batizado aos 25-06-1738 e ordenado em Mariana aos 09-03-1765

II- **Pe. Antonio da Silva dos Santos**, batizado na capela de Santa Rita aos 05-04-1745, ordenado em Mariana. Foi capelão da freguesia da Ressaca (Prados) entre 1771 a 1789, segundo informa o historiador Dario Cardoso em "Memória Histórica de Prados". Falecido aos 06-12-1805 na Fazenda do Castelo de Nossa Senhora da Ajuda (Senhora dos Remédios)

III- **Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes**, batizado na capela de São Sebastião do Rio Abaixo (Ritópolis) aos 12-11-1746, falecendo a 21 de abril de 1792 (enforcado pela Coroa Portuguesa por participação na Inconfidência Mineira)

IV- **Cap. José da Silva Santos**, batizado aos 05-12-1748 na capela de São Sebastião do Rio Abaixo (Ritópolis) (fls.225, livro 8). Casado em janeiro de 1785, na capela da Lage, com Joaquina de Proença Góes e Lara, natural da Lage (Resende Costa), filha do Cap. Francisco Pinto Rodrigues e Ana Maria Bernardes de Góes e Lara. D^a Joaquina de Proença, batizada aos 02-07-1764 e falecida aos 29-12-1835 na Fazenda do Pombal, foi coproprietária da Fazenda do Rio do Peixe, em inícios do século XIX, juntamente com o Sargento-Mór José Jacinto Rodrigues Góes Lara e Ignácia da Rosa Lara e Silva.

O Cap. José da Silva Santos faleceu aos 11-06-1833, sendo sepultado na Igreja do Carmo de São João Del-Rei (Fonte: Arthur Resende)

O casal Cap. José da Silva dos Santos e Joaquina de Proença teve as filhas: I. Maria Marcelina de Lara dos Santos c/c o Guarda Mór Manoel Soares Lopes em 1^{as} núpcias, sem filhos; em 2^{as} núpcias com José Cardoso Paes, tendo os filhos: Ângela Custódia de Lara Santos; Maria Cândida de Lara Santos c/c Estevão de Paula Cardoso; Amelia Lara dos Santos c/c Francisco Antonio de Resende; Honório Balbino de Resende; Antonia Rita de Jesus c/c Hipólito Felisberto de Resende; II. Francisca de Cássia de Lara dos Santos c/c o Alferes Joaquim Pereira da Cunha, tendo o filho José Pereira da Silva c/c Francisca Cândida de Magalhães. Francisca de Cássia foi agraciada, testamentariamente, pela mãe D^a Joaquina de Proença com terras na Paragem "Retiro do Campo de São Tiago" "de que ninguém lhe poderá jamais tirar de qualquer modo..."; III. Mathildes Amélia (Emília) de Lara dos Santos, n. em 1788; foi c/c o Cap. Antonio Felisberto dos Santos, sem filhos.(Fonte: Arthur Resende).

V- **Eufrásia Catharina da Conceição** (ou Eufrásia Maria de Assumpção) Xavier (1752-1813) Com 3 anos em 1855 (inventário da mãe) Casada em Prados com Custódio Pereira Pacheco

VI- **Antonia Rita de Jesus Xavier**, n/b em Santa Rita, onde nasceu em 1754. Estabeleceu-se na Fazenda do Piauí, distrito de Arraial Velho, termo de Queluz (atual Queluzito). Faleceu aos 25-02-1813.

VII- **Catarina da Encarnação Xavier**, n/b na capela de São Sebastião do Rio Abaixo aos 12-05-1751, falecendo provavelmente neste mesmo ano, não constando do inventário materno.

(Fonte: Projeto GeneaMinas.Genealogy / Informações e esclarecimentos, ademais, do historiador Vinicius Mata Oliveira, a quem agradecemos)

(2) Bernardo José Gomes da Silva Flores, falecido em 1829, era n/b na freguesia de São Tiago de Lobam, bispado do Porto, filho de Manoel Gomes da Silva e Maria Rosa de Jesus.

D^a Joaquina Bernarda da Silveira, nascida por volta de 1770 em São Tiago, era filha de Anastácio José de Souza e Máxima Jesuina da Silveira. Anastácio e Máxima Jesuina casaram-se aos 11-05-1766 na matriz de São João Del-Rei, tendo, ao todo, 10 filhos (Projeto Compartilhar - Amaro da Silveira-Máxima Pinto Pereira) O Cap. Bernardo José Gomes e Joaquina Bernarda casaram-se aos 26-08-1787 na capela de São Tiago.

(3) Antonio Felisberto da Silva Gonçalves, nascido em São Tiago aos 02-04-1804, foi casado com Francisca de Paula de São

José, nascida provavelmente em 1815 em Baependi. O casal teve, ao que sabe, uma filha, Carolina Rosa de São José, batizada na capela de Nossa Senhora das Dores do Monte Alegre (hoje Taruaçu) por sua vez c/c Francisco de Paula Pereira Pinto, filho de Carlos Pereira Pinto e Francisca Augusta, deixando enorme descendência em Leopoldina e arredores.

Antonio Felisberto Gonçalves faleceu por volta de 1868 em, Argirita ou Santo Antonio do Aventureiro.

(4) "Em 29 de novembro de 1813, Felisberto da Silva Gonçalves (sic) solicitou meia légua em quadra de terras situada no córrego da Glória, nos sertões do Pomba, confrontando com as terras solicitadas pelo Alferes Marcelino Pereira de Matos (APM SC 352, rolo 77 G-4, fls. 76). Antonia Rodrigues Chaves

fez um pedido de sesmarias localizadas no Córrego Fortaleza, apenas cinco dias antes de Felisberto da Silva Gonçalves, isso aos 24 de novembro de 1813 (APM SC 352, Rolo 77, G-4, fls. 66/67) (Fernando Gaudereto Lamas – "Conflitos agrários em Minas Gerais: o processo da conquista da terra na área central da Zona da Mata – 1767-1820" UFF/ICHF, Niterói, 2003)

O casal Domingos Gonçalves e Antonia Rodrigues Chaves teve, segundo informações do Cônego Trindade em sua obra "Velhos Troncos Mineiros", uma única filha Maria, nascida em São Tiago (1809). Pesquisas mais recentes, porém, realizadas pelos historiadores José Luiz Machado Rodrigues e Nilza Cantoni, apontam possíveis outros filhos do casal – Francisco, Rita, Antonio, José, Joaquim. A se pesquisar.

UMA CURIOSIDADE HISTÓRICO-FAMILIAR

O Alferes Domingos Gonçalves de Carvalho, c/c Maria Victória de Jesus Xavier, teve um filho natural, Antônio Gonçalves de Carvalho, com Josefa Gomes Jardim (L692 – FJP).

Antonio Gonçalves de Carvalho foi c/c Maria de São José, viúva de Francisco José Menezes, filha de Antonio Mendes Valle e Francisca Coelho de Menezes, proprietários da Fazenda Rio ou Córrego das Pedras em São Tiago (família Mendes Valle). Antonio Gonçalves de Carvalho faleceu em Patrocínio em 1829, para onde migrara parte ou quase toda a família Mendes Valle, deixando descendência.

(Sobre a migração da família Mendes Valle para a região do Triângulo Mineiro, abordaremos em próximo número do boletim).

Sua mãe, D^a Josefa Gomes Jardim, moveu ação eclesástica e ainda uma ação de estupro contra o Alferes Domín-

gos Gonçalves de Carvalho.

Antonio Gonçalves de Carvalho, ao que se conclui, enquanto viveu em nosso meio (inícios do século XIX), era personalidade proeminente, com vários registros sociais: testemunha de casamento de Luiz Antonio Miranda, filho do Cap. Henrique de Miranda e D^a Joaquina da Encarnação de Jesus e de Rita Mendes Valle, filha de Antonio Mendes Valle e Francisca Coelho de Menezes, cerimônia realizada aos 02-02-1799 na Ermida da Fazenda São Miguel, distrito de Santa Rita do Rio Abaixo (Ritópolis); Padrinho de batismo, juntamente com Mariana Ferreira da Silva, de Maria, filha de João F. Almeida Ramos e Margarida Mendes Valle, aos 07-01-1802 na capela de São Tiago.

(Pesquisas de Vânia Mendes Ramos da Silva – "Paternal – A corrida do ouro em Minas Gerais e o conto do vigário em Goiás" p. 66).

Sobre a família Mendes Valle, residentes e atuantes em São Tiago entre o final do século XVIII e inícios do século XIX, migrando, em quase totalidade, para a região do Triângulo Mineiro, abordaremos em um dos próximos números deste boletim.

POVOAMENTO DO TERRITÓRIO MINEIRO

A região das Minas receberia, meados do século XVIII e inícios do século XIX, elevado número de imigrantes, oriundos de todas as partes, mormente portugueses, com atuação nas lavras auríferas, mas igualmente no comércio, agricultura e serviços. O mesmo ocorreria em nossa região, tendo como epicentro a vila de São João Del-Rei. Grande parte dos colonos lusos provinha do Minho (norte de Portugal) e arquipélago dos Açores, aqui se consorciando com patrícos ou nativos.

A região tornar-se-ia, igualmente, com o tempo, exportadora de pessoas, que se transportaram para outras partes da própria Capitania (Minas) ou ainda para territórios distantes como Goiás, Mato Grosso, para ali atraídas por minerações ou ainda a ocupação de novas terras. O mineiro passaria a ser considerado, destarte, um "desenraizado", um itinerante.

Com a hipertrofia da mineração e o marasmo econômi-

co, os mineiros promoveriam uma debandada para diversas regiões, País afora, buscando novas oportunidades de vida, instalando fazendas, fundando vilas, algo que autores como Crisoston Terto Vilas Boas (UFOP) denominou "aldeamentos mineiros".

Releve-se que o denominado período de "decadência mineiro" é questionável, pois contemporâneos e viajantes estrangeiros como Saint-Hilaire e John Mawe, inícios do século XIX, fazem referências à grande produção agrícola e movimentação de tropas carregadas de toda sorte de artigos do campo (toucinho, carnes, queijo, açúcar etc.) em direção à Corte, especialmente pós-chegada da família real, de lá trazendo principalmente sal. O mesmo tema "comércio animado da província" é abordado pelos viajantes von Spix e von Martius em seus relatos, Saint-Hilaire, John Mawe e outros.

(Saint-Hilaire – "Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo" BH/SP, Itatiaia/Edusp, 1974, p. 49.

John Mawe – "Viagem ao interior do Brasil" BH/SP, Itatiaia/Edusp, 1978, p. 143.

Von Spix & Von Martius – "Viagem pelo Brasil" – BH/SP, Itatiaia/Edusp, 1981, vol. I, pp. 205/206).



LENTE DA MEMÓRIA: RETRATOS DE VIDAS QUE PARTIRAM JOVENS

A fotografia de pessoas falecidas era uma prática comum no século XIX e início do século XX, influenciada da era vitoriana. Esse tipo de fotografia tinha o objetivo de registrar a imagem de entes queridos falecidos como uma lembrança final para a família.

Essa prática era especialmente comum em uma época em que a fotografia ainda era cara e muitas pessoas não tinham retratos em vida. Salvo em casos em que havia apenas uma foto na infância ou junto à família, já na vida adulta era comum e normal fazer esse registro em casos de morte súbita. O cenário e o momento não eram dos melhores, mas essa era a forma de guardar a última imagem do ente querido.

Em algumas situações, os familiares participavam do registro fotográfico ao lado do falecido. Com o avanço da medicina e da fotografia, essa prática caiu em desuso, mas as imagens ainda são estudadas como parte da história da cultura e do luto.

Em São Tiago, um jovem de nome Waldemar Caputo faleceu afogado em um acidente no Ribeirão da Usina,

na região do Morro da Vigia. Era filho de João Baptista Caputo e Maria da Glória Caputo e tinha 20 anos de idade.

Após a tragédia, ocorrida no dia 26 de outubro de 1930, e a assinatura do atestado de óbito pelo médico local Dr. Netto, seu corpo foi preparado para o velório.

Após a celebração da missa de corpo presente e os ritos de encomendação, ao sair da Matriz, o caixão foi aberto, e parte das pessoas presentes se reuniu ao redor do falecido para a foto na porta da igreja. O retrato foi feito ali de fora devido à necessidade de uma iluminação mais natural, já que não havia flash e o interior do templo era escuro. Dessa forma, o acontecimento foi então registrado, revelando um costume diferente, triste, mas comum para a época.

Com esse acontecimento, o local do afogamento na usina ficou conhecido como o "Poço do Waldemar". Muitas pessoas nadavam nele, lembrando-se do fato trágico.

Fernando de Castro Campos

DAS ÁGUAS DA MEMÓRIA: O PASSADO VIVO DO MONJOLO

O monjolo é um engenho hidráulico rústico tradicionalmente utilizado para triturar grãos, como milho, mandioca e outros grãos, em comunidades rurais, particularmente no Brasil. Ele se vale da força da água para movimentar, sendo visto como um modelo de tecnologia sustentável e eficaz.

A estrutura do monjolo consiste em uma alavanca, um tronco de madeira, um pilão em uma das pontas e um reservatório de água na outra. A água é conduzida até o reservatório na extremidade do tronco, através da força da água em fluxo, que é desviada por um canal até uma das extremidades de uma grande alavanca de madeira. Quando o reservatório está cheio, o peso da água faz o tronco se inclinar para essa direção. Isso impulsiona o pilão na outra ponta. Assim, a medida que o cocho está cheio de água, o seu peso impulsiona a outra extremidade da alavanca para cima. Quando a caçamba é esvaziada, a parte pesada do pilão desce e colide com um pilão, executando a tarefa de moagem ou socagem. O ciclo se mantém enquanto houver água circulando, tornando-o autossustentável e ininterrupto.

O monjolo, originário de tribos indígenas e comunidades tradicionais, simboliza a inovação no manejo dos recursos naturais. Ainda hoje, é empregado em certas áreas rurais para simplificar a atividade agrícola. O monjolo, além de ser prático, ilustra como as culturas tradicionais apreciam a harmonia com o ambiente.

A prática do monjolo tem uma forte conexão com a cultura rural do Brasil, particularmente em comunidades tradicionais e indígenas. O monjolo, mais do que uma ferramenta de trabalho, é um emblema de sustentabilidade, criatividade e ligação com o meio ambiente.

No contexto da herança cultural, o monjolo era frequentemente usado pelos nativos e, posteriormente, adaptado por co-



munidades rurais durante o período colonial. Ele espelha um conhecimento transmitido de geração em geração, evidenciando como as comunidades fazem uso eficaz dos recursos naturais.

Frequentemente, o uso do monjolo era uma atividade realizada em conjunto nas comunidades. As pessoas se juntavam para triturar grãos e cozinhar, fazendo do trabalho um espaço de interação e partilha de conhecimentos.

O monjolo representa uma tecnologia sustentável que emprega energia renovável (a energia da água). Normalmente é construído com materiais locais, tais como madeira, e não requer combustível ou eletricidade. O monjolo é um emblema da cultura de Minas, comumente ligado a um estilo de vida simples e à habilidade humana de conciliar tecnologia e natureza.

Atualmente, ele é apreciado como um elemento decorativo em pousadas e fazendas, simbolizando a abundância histórica e cultural do interior do Brasil.

É muito gratificante relembrar o passado para aqueles que viveram no campo. É maravilhoso assistir ao monjolo socar o arroz e outros grãos, e saborear os alimentos preparado por esses engenhos importantes na nossa cultura.

Fernando de Castro Campos

A ARTE DO FUXICO



O fuxico, no artesanato, é uma técnica secular de origem africana e significa "remendos", onde círculos de tecido, como restos de roupas, são aproveitados. Através de agulha e linha, faz-se um franzido nas bordas, puxando no final para o arremate, formando belas trouxinhas e rosetas que, por sua vez, darão origem a flores.

Trata-se de uma técnica manual, criativa e simples do artesanato, que, atualmente, compõe ricas vitrines com artigos *fashions*, apliques em bordados, decoração de interiores, entre outros. Sua história iniciou-se nas famílias de baixa renda, com o reaproveitamento de tecidos, e esse conhecimento era passado de geração a geração.

No Brasil, esse artesanato africano se misturou com as técnicas de costura locais, criando um rico universo artesanal, repleto de criatividade. Hoje, o fuxico é visto como uma forma de manifestação artística da sociedade, carre-

gado de simbolismo, questões sociais e ancestralidade. Ele combina tradição e contemporaneidade, sendo uma importante forma de transmissão de conhecimento entre gerações e com um reconhecimento nacional.

Com sua valorização, surgiram produções manuais de fuxicos (e fuxicos mais originais) usados como acessórios na decoração de bolsas, sandálias, cintos, na customização de roupas, almofadas, colchas e toalhas, sendo reconhecidos em todo o país. O fuxico é um artesanato sustentável, trabalhado com materiais reciclados, evitando o acúmulo de sobras na natureza.

De baixo custo e que não exige grandes habilidades, o fuxico é também um momento de socialização, no qual várias pessoas expressam seus desejos e criam relações, unidas pelo ato de costurar.

A palavra "fuxico" pode ser entendida em dois sentidos: Coser ligeiramente. Conter lorotas e mexericos.

Este nome se perpetuou na Bahia, no Nordeste, e a técnica de franzir círculos — o fuxico — tornou-se conhecida mundialmente, sendo fonte de renda para inúmeras comunidades.



Maria Helena - IHGST

FOTO JOSÉ LUIZ PEDERNEIRAS



Rodrigo Pederneiras, Cassi Abranches e Paulo Pederneiras

GRUPO CORPO completa 50 anos

Chegando em 2025 aos 50 anos de sua fundação, o Grupo Corpo celebra a trajetória que transformou o universo da dança contemporânea no Brasil.

Em agosto, estreia novo balé com música original de Clarice Assad e inaugura parceria coreográfica de Rodrigo Pederneiras com Cassi Abranches – agora também coreógrafa residente da companhia.

Também chegarão ao público um livro e um documentário sobre a história da companhia mineira. O Corpo vai contar, ainda, com a parceria da Africa Creative, uma das agências mais criativas e inovadoras do mundo.

“Éramos presunçosos. Quando nossos pais cederam a casa em que morávamos, em Belo Horizonte, para que se tornasse a sede da companhia, achávamos que ia dar certo”, graceja Paulo Pederneiras, diretor artístico do Grupo Corpo. Paulo rememora o dia 22 de janeiro de 1975, na lembrança da fundação oficial do mais importante grupo de dança contemporânea do país. No ano seguinte, o sucesso do primeiro balé do Corpo – Maria, Maria, coreografia de Oscar Araiz, música original de Milton Nascimento e Fernando Brant – já apontava: ia dar certo, sim.

Cinquenta anos depois, alinham-se 43 obras criadas e montadas, com apresentações em 259 cidades de 41 países, além do Brasil. Ao longo da sua trajetória, encomendaram música original a duas dezenas de compositores, e dançaram obras do popular e do clássico. E não há dúvidas de que o Grupo Corpo mudou o panorama da dança no Brasil e tornou-se um embaixador cultural do país nos quatro cantos do planeta, da Tailân-

dia aos EUA, da Rússia ao Canadá.

O Corpo ampliou e consolidou o público de dança no Brasil. É o resultado da originalidade e da poesia do vocabulário coreográfico construído por Rodrigo Pederneiras, com um elenco impecável, e da extrema qualidade, cuidado e ousadia da direção de arte – cenografia, figurinos, iluminação. Sua brasilidade profunda e incontestável deságua na linguagem universal da grande arte.

2025

A festa de 2025 tem novo balé, naturalmente, que estreia em agosto, com música especialmente composta pela brasileiro-americana Clarice Assad – primeira mulher convidada a criar trilha para a companhia. Também esse ano, oficializa-se a presença de Cassi Abranches como coreógrafa residente, ao lado de Rodrigo Pederneiras. “A proposta de ter dois coreógrafos residentes trabalhando na mesma obra é pouco comum”, explica Paulo. “Serão visões diferentes da mesma trilha, criadas separadamente e depois combinadas”.

Rodrigo, que completa 70 anos no dia 23 de janeiro de 2025, é sem dúvida um dos maiores coreógrafos brasileiros, mundialmente respeitado, responsável pela sólida construção da identidade coreográfica do Corpo. “Está sendo uma delícia trabalhar a quatro mãos”, diz, completando: “a Cassi é muito pé no chão”. E Cassi, paulistana que atuou como bailarina no Grupo de 2001 a 2013, considera o convite uma “volta para casa”. Desde 2009, porém, já coreografava – e assinou em 2015, para a companhia, a *Suíte Branca*, quando já coreografava para companhias brasileiras e estrangeiras.

A retrospectiva destes 50 anos também será feita em forma de documentário (direção de Janaina Patrocínio) e livro (elaborado pelo Estúdio Campo e publicado pela editora BEI, que vai reunir as extraordinárias fotos de José Luiz Pederneiras produzidas ao longo de décadas para os espetáculos da companhia).

Neste ano, estabelece-se uma parceria muito especial: a agência Africa Creative encampou a campanha do cinquentenário, com direito a logomarca especial e iniciativas paralelas ao longo do ano.

EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO, PARTICIPAÇÃO

Indubitável patrimônio cultural do Brasil, o Grupo Corpo sempre trabalhou pela formação de jovens e de público através de seu Corpo Cidadão, organização sem fins lucrativos que funciona desde o ano 2000 e dirigida por Miriam Pederneiras, outra dos irmãos fundadores, e da Corpo Escola de Dança, criada também há 50 anos.

Em outro viés de formação e participação, dois programas estão ativos. Há 10 anos, funciona um bem-sucedido programa de doação incentivada para pessoas físicas (Amigos do Corpo, que oferece abatimento no imposto de renda) e inaugurou, em 2022, os Patronos do Corpo, que reúne figuras de destaque na vida nacional, com doações diretas e mais robustas. São formas de aproximação do público e maneiras de mobilizar a sociedade, trazendo um aporte financeiro importante.

De Albert Camus, com carinho, ao seu mestre

Por Revista Prosa Verso e Arte

A carta escrita por Albert Camus para seu professor primário, Louis Germain, logo depois de ter recebido o Prêmio Nobel de Literatura, em 1957.

Logo após receber, em 1957, o Prêmio Nobel de Literatura, Albert Camus escreve uma breve carta a Monsieur Germain, seu professor numa escola pública de um bairro operário de Argel. Nela o já consagrado escritor e filósofo franco-argelino expõe sua gratidão àquele que havia sido responsável por uma profunda transformação em sua vida: Acaba de me ser feita uma grande honra que não busquei nem solicitei, escreve Camus a seu antigo mestre. Quando soube da novidade, meu primeiro

pensamento, depois de minha mãe, foi para você. Sem você, sem essa mão afetuosa que você estendeu ao menino pobre que eu era, sem seu ensino, sem seu exemplo, nada disso teria acontecido.

A infância pobre de Camus, as vidas dos operários e das crianças do bairro de Belcourt povoam seus escritos literários e marcam seu pensamento político e filosófico. Mas é em uma obra inacabada – O primeiro homem – que Camus nos apresenta esse extraordinário personagem que marcou sua existência e que até o final de sua vida a ele se dirigia afetosamente como meu querido menino ou simplesmente meu pequeno Camus. No romance, achado entre os escombros do acidente de automóvel que tirou sua vida, seu mestre Louis Germain se transforma em M. Bernard, um professor cujas aulas eram sempre interessantes pela simples razão de que ele era apaixonado pelo seu trabalho.

O professor que emerge das imagens e lembranças de Camus nos comove menos pela eficácia de seus esforços do que pela dignidade de sua luta; menos pela riqueza de seus recursos pedagógicos do que pela clareza de seus compromissos educativos. Para M. Germain seu professor era mais do que uma maneira de ganhar a vida. Era uma forma de dar sentido à existência.



A GRATIDÃO DE ALBERT CAMUS AO PROFESSOR QUE MARCOU SUA EXISTÊNCIA

19 de novembro de 1957

Caro Monsieur Germain,

Deixei que passasse um pouco o movimento que me envolveu todos esses dias antes de vir-lhe falar-lhe de coração aberto. Acaba de me ser feita uma grande honra que não busquei, nem solicitei. Mas quando eu soube da novidade, meu primeiro pensamento, depois de minha mãe, foi para você. Sem você, sem essa mão afetuosa que você estendeu ao menino pobre que eu era, sem seu ensino, sem seu exemplo, nada disso teria acontecido. Eu não faço questão dessa espécie de honra. Mas essa é ao menos uma ocasião para dizer-lhe o que você foi e é sempre para mim, e para assegurar-lhe que os seus esforços, o seu trabalho e o coração generoso que você coloca em tudo que faz, sempre de maneira viva com relação a um de seus pequenos discípulos que, não obstante a idade, não cessou jamais de ser seu aluno reconhecido. Eu o abraço com todas as minhas forças.

Albert Camus

CARTA NO ORIGINAL EM FRANCÊS

Lettre qu'Albert Camus envoya à son instituteur au lendemain de son prix Nobel

19 novembre 1957

Cher Monsieur Germain,

J'ai laissé s'éteindre un peu le bruit qui m'a entouré tous ces jours-ci avant de venir vous parler de tout mon cœur. On vient de me faire un bien trop grand honneur, que je n'ai ni recherché ni sollicité. Mais quand j'en ai appris la nouvelle, ma première pensée, après ma mère, a été pour vous. Sans vous, sans cette main affectueuse que vous avez tendue au petit enfant pauvre que j'étais, sans votre en-



Albert Camus em 1957

seignement, et votre exemple, rien de tout cela ne serait arrivé. Je ne me fais pas un monde de cette sorte d'honneur. Mais celui-là est du moins une occasion pour vous dire ce que vous avez été, et êtes toujours pour moi, et pour vous assurer que vos efforts, votre travail et le cœur généreux que vous y mettiez sont toujours vivants chez un de vos petits écoliers qui, malgré l'âge, n'a pas cessé d'être votre reconnaissant élève. Je vous embrasse de toutes mes forces.

Albert Camus

* Carta publicada em "O primeiro homem", de Albert Camus. [tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca e Maria Luiza Newlands Silverira]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

** Texto de introdução extraído (trechos) do artigo "Ao mestre com carinho", de José Sergio Fonseca de Carvalho. in: Revista Educação, 6 de março de 2015.

FIQUE POR DENTRO DOS MITOS E USOS DAS CONSTELAÇÕES INDÍGENAS

Por Leyberson Pedrosa – Portal EBC

Olhar para o céu sempre aguçou a imaginação dos povos. O ocidente se acostumou às constelações criadas na Grécia Antiga a partir da junção de estrelas: Áries, Capricórnio, Leão, Escorpião e muitas outras. Usadas na astronomia e na astrologia, essas constelações ocidentais não são unanimidade

Povos indígenas de todo o mundo – do Egito à América, sempre utilizaram as estrelas como uma espécie de agenda do clima e como bússola para orientação. Normalmente associadas aos rituais das tribos, as constelações indígenas foram fundamentais para a sobrevivência de diferentes etnias.

"As constelações são usadas durante todo o ano. Algumas tem finalidades religiosas, outras são mais por curiosidade, mas elas servem, principalmente, como calendário agrícola", explica Germano Afonso, pós-doutor em etnoastronomia e que já mapeou mais de 100 constelações indígenas Tupi-Guarani. As flutuações sazonais indicadas pelas constelações influenciam no período da pesca, caça, plantio e colheita. Cada imagem formada no céu permitia aos índios identificar que uma nova estação do ano estava por vir.

O astrônomo explica que, ao saberem do inverno, os indígenas poderiam garantir sobrevivência das crianças indígenas e dos índios mais vulneráveis. As tribos planejavam qual era o melhor momento para plantar, caçar, pescar e até para engravidar. Afinal, uma criança que nascesse no inverno (Constelação da Ema) teria poucas chances de vencer as adversidades climáticas.

O VALOR DA MITOLOGIA COMO MÉTODO DE APRENDIZADO

Assim como os gregos, os indígenas sempre valorizaram o papel da mitologia em sua cultura, a começar pela relação com o sol. "Para nós, o sol e a lua são irmãos gêmeos que deram origem de tudo. É o princípio de tudo, assim temos que conhecer a origem, que é o mito do sol e da lua", comenta Kerexu Yxapyry (Eunice Antunes), líder indígena da etnia Mbiá Guarani, que vive no Sul do país.

As histórias envoltas de cada constelação tinham um papel pedagógico para que as crianças indígenas se interessassem pelas constelações. "De todas, eu gosto mais da Ema, que significa a ave da

sabedoria. A partir dela, temos conhecimento de todas as outras constelações", destaca Kerexu.

De acordo com o mito, a Ema no céu quer devorar duas outras estrelas que ficam em frente a seu bico. Além disso, o Cruzeiro do Sul é responsável por segurar a cabeça da ave que, uma vez solta, poderia beber toda a água da Terra.

Seja ao amanhecer ou ao anoitecer, os povos indígenas buscavam manter uma relação cotidiana com o céu. "No dia a dia, quando vamos fazer o nosso ritual à tarde, a gente se orienta muito pelo Cruzeiro do Sul", conta Kerexu.

De acordo com o astrônomo Germano Afonso, os indígenas não separam o céu da Terra e muito menos a fé da ciência. Para os índios, tudo que eles fazem tem algum tipo de aplicação prática. "Quando o ser humano parou de ser nômade, eles precisaram cultivar e, pra isso, tinham que ter uma agenda. Então, eles olhavam para o céu e faziam as coisas na Terra", relaciona o astrônomo.

Contudo, Afonso alerta que, devido à globalização, esse saber corre o risco de se perder em pouco tempo. Afonso destaca como uma das causas a diminuição do interesse das novas gerações indígenas em relação ao conhecimento que os mais antigos mantêm sobre o céu.

Na visão de Kerexu, a transmissão das informações astronômicas depende muito do local em que os jovens estão. "Quando a criança é criada em uma aldeia, ela recebe o conhecimento e não esquece. Mas quando moram fora e veem apenas outros conteúdos didáticos, elas perdem essa parte, sim", compara.

PRIMEIROS ESTUDOS NO BRASIL

Por volta de 1612, o missionário capuchinho francês Claude d'Abbeville acompanhou os indígenas Tupinambá do Maranhão e registrou 30 constelações conhecidas pelos indígenas da ilha (São Luís do Maranhão). Essas informações foram publicadas no livro "Histoire de la Mission de Pères Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonvoisins" em 1964 na cidade de Paris e é considerado umas das mais importantes fontes da etnografia dos Tupi.

A partir desses dados, Germano Afonso conseguiu encontrar semelhanças entre as constelações conhecidas pelos índios da América do Sul e pelos aborígenes australianos. Até hoje, indígenas de várias regiões brasileiras também reconhecem a maioria das constelações descritas pelos Tupinambá ao missionário francês.

SÁTIRA POLÍTICA E A MÚSICA CAIPIRA: ALVARENGA E RANCHINHO VS GETÚLIO VARGAS

Amizades, costumeiramente escrevo sobre futebol aqui no Boteco, mas hoje minha intenção é outra, falar um pouco sobre música e política, especialmente sobre a inteligência e criatividade de uma das maiores e mais antigas duplas caipiras de todos os tempos, Alvarenga e Ranchinho. Suas paródias e sátiras políticas deram muito trabalho para o ex-presidente Getúlio Vargas em um tempo em que a censura não permitia que se brincasse com coisa séria. A dupla dormiu muitas vezes no xilindrô e, mesmo assim, continuou divertindo muita gente nos anos 1930-1940.

Eu era garoto ainda, com calça de moletom e bota de galocha, correndo pelo sítio em que meu avô morava, no interior paulista. Como sempre fui bastante apegado ao velho, lembro-me de ficar vidrado ouvindo suas histórias, ouvindo-o tocar seu violão e escutar suas músicas em seu jurássico rádio de pilha. Meu avô ouvia músicas praticamente inexistentes nos dias de hoje, músicas caipiras, cheias de simplicidade e genialidade. Cravo com tranquilidade que até hoje não esqueci a letra e nem o ritmo da maioria delas.

Meu avô pedia para que eu ouvisse com ele e prestasse atenção nas histórias contidas nas letras, algumas me davam calafrio, outras me faziam pairar sobre um passado jamais vivido por mim e outras me faziam rir. Alvarenga e Ranchinho eram uma dessas duplas que me faziam rir. Anos mais tarde, como estudante de História eu descobriria a importância e o significado da dupla nas páginas da história política e cultural do nosso país.

Alvarenga só houve um, mas Ranchinhos foram três. Murilo Alvarenga nasceu em Itaúna, Minas Gerais, em 22 de maio de 1911. Diésis dos Santos Gaia (que nome etéreo para um caipira!), o primeiro Ranchinho, era natural de Jacaréí, São Paulo, e veio ao mundo em 23 de maio de 1912. Quem imagina os dois vivendo na roça, pitando um cigarro de palha e observando a vida besta das galinhas passar, bem, está enganado. Quando Murilo e Diésis se conheceram e começaram a cantar nos circos e nas rádios, nos anos 1930, eles ainda não eram caipiras. De seu repertório constavam gêneros muito urbanos como tangos, valsas e marchinhas de carnaval. Algo curioso costumava acontecer quando eles se apresentavam: em vez de se emocionarem com os tangos entoados, a plateia achava a maior graça dos cantores.

FONTE: BIBLIOTECA VIRTUAL DA MÚSICA RAIZ RECANTO CAIPIRA



Alvarenga e Ranchinho como garotos propaganda da brilhantina para cabelo Glostora. (1939).

As pessoas não paravam de rir. Não havia jeito de serem levados a sério. Tanto melhor para eles, que foram espertos e abraçaram essa comicidade. Começaram a contar anedotas e piadas nos shows, além, claro, de cantar paródias. Nessa época passariam a ser conhecidos no Brasil inteiro como Os milionários do riso.

Sucesso nas emissoras de rádio, nos picadeiros de circo e nos palcos de teatro da época, a dupla também atuou no cinema: na película *Coisas nossas* de 1931 e em 1937, a marchinha "Seu condutor", composta pela dupla, foi campeã do carnaval paulistano. Todo esse prestígio fez com que a dupla se tornasse famosa no Brasil e no exterior. Das suas maiores composições, minha preferida é "O drama de Angélica". Além do humor fino, o que dizer das rimas, todas em proparoxítonas? Essa música é avô de "Construção" de Chico Buarque, costume dizer.

Naqueles anos, também passariam a se apresentar no Cassino da Urca, renomado cassino do Rio de Janeiro. Se apresentar lá significava a consolidação da carreira de qualquer artista, tendo em vista que ali era, sem dúvida, a principal vitrine para os artistas que queriam se estabelecer nos programas de Rádio ou ainda alçar voos maiores como iniciar uma carreira no cinema.

Foi justamente nessa época em que se apresentavam no Cassino da Urca que a dupla se destacou por utilizar em suas apresentações o tema da sátira política. Principalmente pela boa resposta que tinham do público a dupla investia cada vez mais no gênero, fazendo improvisos, contando causos e gravando diversas canções de cunho político. São muitas, mas eu trouxe duas pra vocês:

Salada política (1947)

Quem não conhece esse baixinho / tão gordinho / que agora ta quetinho / já

morou La no Catete quinze ano / hoje ta só urubuservando / já fez barúio e decreto

FONTE: BIBLIOTECA VIRTUAL DA MÚSICA RAIZ RECANTO CAIPIRA.



Disco de vinil de Alvarenga e Ranchinho. Gravadora RCA (1971).

indiscreto / no tempo que ele reinou / fez promessa pra São Borja foi eleito / e São Paulo lhe ajudou / e na assembléia sentado da boas gargaiada / de ver a confusão de tanta paiaçada / Marcondes com a força da traquéia esse Barreto pinto avacai com a assembléia / todo mundo diz que sofre, sofre, sofre nesse mundo mais o Luiz Carlos Prestes sofre mais / quando que fazo comício é com autorização / e bem tristonho ele canta essa canção: Eu vou / eu vou / eu vou / eu vou até Moscou / tão jodiando de mim /

vou me queixa ao Stalin

Nas duas paródias a dupla traz uma descrição bem humorada do momento político brasileiro. Alvarenga e Ranchinho iniciam a sua sátira fazendo uma descrição caricata de Vargas acentuando suas características físicas, e resumem a medidas tomadas por Vargas ao longo de 15 anos de governo como "já fez decreto indiscreto no tempo em que ele reinou", ou seja, acentuam o caráter autoritário ao referir-se ao governo. Continuam sua sátira falando das eleições de 1946 onde Getúlio Vargas é eleito deputado em 10 estados e senador em dois, onde ressalta-se que apesar de o ex-ditador ter feito sua promessa a São Borja, quem lhe ajudou mesmo foi São Paulo, não o santo e sim o estado pelo qual foi eleito senador.

Em seguida, Alvarenga e Ranchinho fazem referência a atuação de Getúlio na Assembleia, e descrevem tal atuação da seguinte forma, "na assembleia sentado da boas gargaiada, de ver a confusão de tanta paiaçada", ou seja, ao se utilizarem o termo "na assembléia sentado" demonstram a imobilidade de Vargas, a passividade e o desinteresse para com o novo cargo ao qual apenas se divertia mediante as tramas políticas daquele momento.

Os milionários do riso não deixaram passar nem Luiz Carlos Prestes e até mesmo Stalin. Em um momento da música, Alvarenga e Ranchinho direcionam sua sátira se referindo a Luiz Carlos Prestes, que no período já havia sido libertado pela anistia com o fim do Estado Novo mas ainda estava longe de alcançar a Revolução almejada por ele e pelos outros integrantes da Intentona Comunista, movimento que o levou para prisão em 1935, e que devido à perseguição mesmo após o fim da ditadura de Getúlio Vargas, fechou seu partido novamente e agora só lhe restava se queixar ao Stalin como ironizam Alvarenga e Ranchinho.

Pirata da perna de pau (1948)

Eu sou Getúlio já fui ditador / com voto dos troxa / eu sou senador / Eu sou Getúlio já fui ditador / com voto dos troxa / eu sou senador / minha galera em quinze ano de navegação / trouxe a miséria / o câmbio negro / e a inflação / por isso eu sou pai dos pobre / mãe dos ricos e dos tubarões / ao Borghi eu dei muita ropa / ropa / de argudão

Nessa, a dupla faz uma breve crítica aos aspectos econômicos da administração de Vargas, demonstrando mais uma vez a interação do caipira com o ambiente urbano moderno. Principalmente, ao destacar aspectos como as crises econômicas, a inflação e a relação de Getúlio Vargas como pai dos pobres e mãe dos tubarões, ressaltando assim, a política que caracterizou o governo de Vargas. De bobos os dois só tinham o jeito.

Por causa de suas críticas ao político, Alvarenga e Ranchinho foram presos quatro vezes pelo Departamento de Imprensa e Propaganda de seu governo. Mal os shows acabavam e eles eram levados diretamente para o xilindrô, onde passavam a noite. Até que um dia foram convocados para tocar suas sátiras diante de Getúlio. Os caipiras ficaram receosos, mas foram encontrá-lo. História contada por eles durante uma entrevista para o Programa Ensaio da TV Cultura em 1973:

"Chegando lá, nós cantamos todas as músicas, todas as críticas que nós fazíamos dele. E ele gostou, riu muito, se divertiu bastante. E diante de todos os ministros, diante de todos os censores, diante daquela gente toda, ele nos liberou, disse que podíamos continuar fazendo críticas, desde que fosse uma crítica razoável, que não ofendesse o físico nem a moral de ninguém."

Nos anos 1960, eles ainda faziam sátiras e paródias, mas já não tinham tanta repercussão. Após o golpe de 1964, Alvarenga e Ranchinho acharam melhor não se meter mais com política. Continuaram tocando o repertório caipira no interior de São Paulo e de Minas Gerais, onde estava sua maior base de fãs, até o fim de sua carreira.

Eu poderia citar muitas outras músicas, mas esse texto já está ficando grande demais. Vou deixar algumas recomendações para os botequeiros(as) que quiserem saber mais. A obra esquecida e genial de Alvarenga e Ranchinho merece destaque e nada melhor do que lembrar deles nessa conversa de boteco.

NOSSO NOME DENTRO DA MONTANHA



Os Mórmons podem ser definidos como um grupo religioso e uma comunidade estruturada sobre uma forte base cultural. São membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias que foi organizada inicialmente em 1830 nos Estados Unidos, liderada por Joseph Smith Jr. Tem presença mundial bem distribuída contando mais de 17 milhões de membros, sendo majoritariamente nos Estados Unidos e com boa presença no Brasil e México.

Os Mórmons se identificam como cristãos, mesmo existindo algumas diferenças com as outras vertentes do cristianismo. Para eles é importante o trabalho missionário (apostolado e catequese), a negação de vícios sociais como tabaco e álcool. Valorizam sobremaneira as conexões familiares e um respeito acentuado à castidade. Em um ponto sensível e crítico já praticaram a poligamia, mas hoje não é mais permitida entre seus membros.

Suas escrituras sagradas se constituem na Bíblia, o Livro dos Mórmons (escrito por profetas antigos) e coletânea de textos e revelações de Joseph Smith Jr. O centro da Igreja Mórmon é em Salt Lake City, estado de Utah, Estados Unidos.

A percepção mais visível de seus membros em nossas cidades era a presença de duplas de rapazes, muitos estrangeiros, caminhando pelas ruas, calça escura, camisa branca de mangas curtas com uma placa acrílica preta com o nome do membro, gravata, fazendo campanhas de divulgação religiosa, enquanto a pele do rosto muito branca ficava ainda mais rosada e suada pela obra do nosso sol.

Um detalhe peculiar da filosofia Mórmon se constituiu na avançada propulsora de um imenso e extraordinário projeto de abrangência mundial. Para os Mórmons os laços familiares são eternos e a família é a sustentação de uma comunidade saudável e resistente.

Todo indivíduo tem o direito a conhecer pelo menos quatro gerações anteriores a sua. Todas as pessoas de todas as famílias devem ter a oportunidade de conhecer e se conectar com seus familiares do passado, do presente e plantando bases para o futuro.

Com o crescimento da população de sua religião somente seria possível construir e manter sua história obtendo o acesso às maiores coleções de registros genealógicos do mundo.

O primeiro passo da iniciativa deu-se em 1894 com a criação da Biblioteca da História da Família, financiada pela igreja, guardando livros e documentos. Em 1938 começaram a microfilmagem de material de interesse. O próximo movimento foi realizar pesquisas e entrevistas em todos continentes. Em 1965 foi construído um grande cofre em túneis e câmaras sob as rochas da Granite Mountain (Montanha de Granito) em Salt Lake City. É o maior acervo genealógico da humanidade, com mais de 6000 m², mantendo 3,5 bilhões de cópias de documentos de inúmeros países: documentos civis e religiosos, certidões de nascimento, casamento, óbito, batismo, fotografias, mapas e fichas de imigração. A segurança do local é extrema, o acesso restrito, não se permite visitas e existem back ups esparramados por outras partes do planeta. Em 1999 foi lançado o site www.Familysearch.org que passou a dar o nome e o rosto a toda essa estrutura.

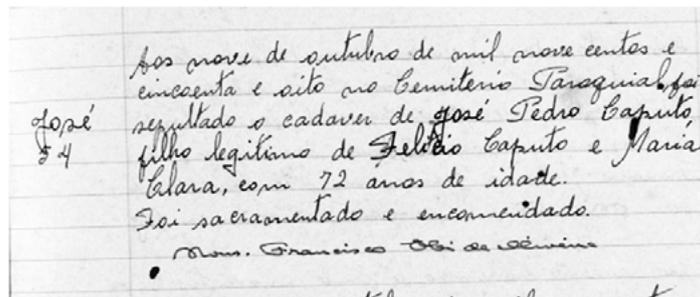
Duas contingências pouco previsíveis fomentaram o sucesso do Familysearch neste trabalho centenário. Uma, a grande procura por informações familiares necessárias nos processos de obtenção de cidadania, numa surpreendente sintonia entre ofer-

ta e procura.

Outra, a estranha chance que os Mórmons oferecem a si mesmos: batizar seus antepassados de outras crenças em seus próprios ritos.

Para ampliar seus centros de documentação a Familysearch procura fazer acordos e parcerias com órgãos e entidades: Arquivo Público de São Paulo, Arquivo Nacional, Autoridades eclesiásticas, Cartórios etc. Os Mórmons se propõem a fazer uma limpeza técnica em todo acervo de documentos e livros e digitalizar. A contrapartida por esse serviço é ficar com uma cópia da digitalização. A menos de uma ou outra ressalva sobre confidencialidade de informações o acordo é aceito. Os responsáveis por esses arquivos provavelmente mofados, cheios de pó e em parte corroídos pela umidade não têm o dinheiro, muito dinheiro, necessário para a sua conservação.

Os mais antigos Livros de Registros que a Paróquia de São Tiago mantém sob sua guarda datam de aproximadamente 1855. Os Mórmons não estiveram pessoal e oficialmente em São Tiago, mas resguardados por algum acordo em esferas religiosas superiores estes livros foram enviados mais ou menos em 2014 para a Mitra Diocesana de Oliveira e de lá para o local do serviço de limpeza e digitalização, onde foram processados com a posterior devolução. A imagem abaixo apresentada foi obtida no acervo dos Mórmons pelo Familysearch e é um extrato do registro de sepultamento da Paróquia de São Tiago para José Pedro Caputo



to, o Sapecado, meu bisavô paterno, lavrado em 1958 e assinado pelo Monsenhor Francisco Elói de Oliveira. Para fazer pesquisas similares basta acessar o site Familysearch.org e preencher um pequeno cadastro.

Gratuito, aberto a todos sem distinção de religião e propósito.

Meus pais, avós e bisavós já se foram. Meus tios mais velhos também. Isso significa perder um link com nossa ascendência e sua história. A falta dessa via de comunicação às vezes pesa e incomoda.

Divagando nessa paisagem é natural sentir uma grande perplexidade ao saber que a uma distância de quase 10000 km em linha reta, em Salt Lake City, Utah, EUA, em salões escavados no coração de uma montanha rochosa para acolher uma grande estrutura de cofres com arquivos genealógicos, a um custo absurdo e secreto, existam registros resguardados e a salvo que mostram as pegadas documentais de nossas famílias sobre nossas terras.

Fabio Antônio Caputo

VIGÁRIOS DE SÃO TIAGO INÍCIOS DO SÉCULO XX Pe. ANTONIO CORREA LIMA

O Pe. Antonio Correa Lima atuou como vigário provisório da Paróquia de São Tiago, entre 1901/1902, sucedendo ao Pe. Júlio José Ferreira (1), e, em seu curto vicariato, deu-se a demolição da antiga matriz local, construída em 1761. “Vem após o Pe. Antonio Correa Lima, que depois de prestar o inestimável serviço de incentivar a ideia de substituir por outra a antiga Matriz, que já não comportava os fiéis, bem como o de iniciar a construção da atual com os poucos recursos de que dispunha o patrimônio da Igreja; em 1902 deixava o lugar ao Pe. Japonês de Lélis Silvino...” (Augusto das Chagas Viegas – “Notícia Histórica do Município de São Tiago”, p. 15).

“Pe. Antonio Correa de Lima, finalizando o paróquiato na paróquia de Viçosa (1883-1901), em sua curta passagem por São Tiago em 1902, conduziu por extrema necessidade a demolição da velha matriz. Em arrojado lance, deu início à construção da obra tão almejada pela comunidade. Após seguiu para a paróquia São João Batista em Visconde do Rio Branco (...). No período inicial da demolição e construção dos alicerces da nova matriz, para que os fiéis não ficassem privados de sua casa de oração, participavam de missas e atos religiosos na extinta Igreja do Rosário do antigo Largo. Três comissões superintenderam a obra, a primeira organizada pelo vigário Pe. Antonio Corrêa Lima, seu presidente...” (Marcus Antonio Santiago – “São Tiago nas trilhas da história” – 1ª ed. Valinhos/SP. Ed. Bueno Teixeira, 2024, p. 26) (2).

Pe. Antonio Correa Lima, que, em alguns documentos, aparece como Antonio Correa Pimentel (De Genere, fls. 2) era filho natural de Gabriela Alexandrina Maria de Jesus, “escrava que foi de D^a Maria Isabel de Oliveira Palmela”. D^a Gabriela, mãe de Pe. Correia, era, por sua vez, “filha natural de Alexandrina, crioula, escrava da citada D^a Maria Isabel”. (3) Batizado aos 01-02-

1855 na Matriz do Pilar (São João Del-Rei) constando que o batizando Antonio Pardo (sic) tinha “nascido há três meses”, sendo padrinho Custódio Nogueira da Costa (Livro de batismos fls. 14).

Em 1875, era seminarista claustral do Caraça, tendo requerido “dispensa da irregularidade ex-defectu natalium”, (4) o que lhe foi concedido, para poder se habilitar ao sacerdócio. Em 1876, afirma fazer parte do Seminário do Caraça, com residência em São João Del-Rei (De Genere, fls. 10).

Pe. Correa Lima, ao que se deduz, foi um sacerdote itinerante, atuando em várias paróquias da região, tema a ser melhor pesquisado (5) Em 1882 é vigário encomendado da freguesia da cidade de Viçosa de Santa Rita do Turvo, bispado de Mariana, onde era proprietário de morada de casas “com respectivo quintal todo cercado com madeira de lei” no Largo da Matriz, no valor de 2:500\$000 e com patrimônio constituído por apólice da dívida pública nacional sob n. 24230 no valor de 1:000\$000 (De Genere).

Relacionado como acionista/proprietário de 2 ações da Companhia Estrada de Ferro Oeste de Minas-EFOM no valor de 40\$000 (6).

Pároco de Resende Costa (1880), Guiricema (1881-1883), “antes de se transferir para Santa Rita do Turvo (atual Viçosa) e lá permanecer até 1901” (7) Teria atuado como vigário de Resende (RJ) Em 1909 – vigário da freguesia de Nossa Senhora das Mercês em Mar de Espanha. Em processos da comarca de Oliveira, inícios do século XX, aparece como virulento acusador de curandeiros da região, mediante acerbas denúncias ao ministério público (Conforme o pesquisador Marcelo Rodrigues Dias em sua tese “Repressão ao curandeirismo nas Minas Gerais nos oitocentos” UFSJ, 2020).

Uma conhecida composição musical (marcha fúnebre), muito difundida no interior mineiro, é conhecida como “Correa Lima” ou ainda “Vigário Correa”, atribuída ao compositor e maestro Luiz Coutinho (1879-1951) este natural de Guiricema/MG. Provavelmente, uma homenagem póstuma que o compositor (Luiz Coutinho) prestara ao Pe. Antonio Correa Lima, vigário de Guiricema entre 1881 e 1883, composição esta que se tornaria famosa em especial na região central do Estado de Minas e que, por vezes, nos acervos/partituras de muitas corporações musicais aparece sem a indicação da autoria. Em Ritópolis aparece citada como Marcha Chico de Paula. Há outras versões, de menor credibilidade, de que a marcha seria de autoria de outros compositores da região (Prados, Visconde do Rio Branco etc.).

(De Genere Vita et Moribus – Pe. Antonio Correa Lima – ano 1888 – Registro n. 1898, arm. 11, pasta 0076, Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana)



NOTAS

(1) Pe. Júlio José Ferreira, natural de Piedade dos Gerais, onde nasceu aos 15-11-1844 foi vigário de São Tiago ao longo de 33 anos – 1868 a 1901. Faleceu aos 26-09-1916 em Belo Horizonte, sendo sepultado no cemitério do Bonfim.

Sobre Pe. Julio José Ferreira, ver matérias em nosso boletim CXLIX – fev./2020 e CLXV – junho/2021.

(2) Sobre as obras de (re)construção da Igreja Matriz (1902-1922) e comissões encarregadas de superintender as obras, ver matérias em nosso boletim n.ºs CLIX – outubro 2011 e CLXXVIII – julho/2022.

(3) D^a Maria Isabel e seu marido Joaquim Inácio Palmela aparecem como alforriadores/manumissores de escravos conforme registros – cartório de 2^o Ofício de São João Del-Rei (1837 – cx. 3, livro 12, fls. 25f/v) e postmortem (1841 – testamento – cx. 553).

(4) A expressão “ex defectu natalium”, segundo informações do historiador e Professor Marcus Santiago, a quem agradecemos, abrangia diversas situações relacionadas à origem ou condição de nascimento ou origem do candidato que buscava o sacerdócio. Originalmente, era utili-

zada para denotar a ilegitimidade do candidato, quando era filho de mãe solteira ou ainda por deter a cor negra, ter origem indígena, judaica e afins. Com o tempo e ante mudanças da doutrina da Igreja, o uso da expressão e suas implicações foram revisadas/readequadas.

(5) Ao que consta, há outros sacerdotes de sobrenome Correa Lima, gerando incertezas e ambiguidades – assunto a ser melhor pesquisado.

(6) Fonte: Francisco Mourão – “Tradições de S. João d’El-Rei” São João Del-Rei, Typ. Commercial, 1924, pp. 102/117.

(7) Conforme informações do pesquisador Prof. Edésio de Lara Melo em sua obra – “Marchas fúnebres – tradição musical na microrregião de São João Del-Rei 1870-1965” Belo Horizonte, FFCH/UFMG, 2013, pp. 186/189.

Segundo informações do historiador Marcus Antonio Santiago, Pe. Correa Lima foi vigário de Viçosa no período entre 1882 a 1901. Após sua atuação na paróquia de São Tiago, inícios do século XX, teria retornado à Zona da Mata, entre 1903/1904, assumindo a paróquia de São João Batista na cidade de Visconde de Rio Branco.

Corrêa Lima (Vigário Corrêa)⁵⁵⁸

Luiz Coutinho (?)

The image displays a musical score for a funeral march. The score is arranged in a grand staff format with 14 staves. The instruments listed on the left are: 1^o Clarineta Sib, 2^o Clarineta Sib, Saxofone alto Mib, Saxofone tenor Sib, 1^o Sax Home Mib, 2^o Sax Home Mib, 3^o Sax Home Mib, 1^o Trompete Sib, 2^o Trompete Sib, Trombone Sib, Hornbafino Sib, Baixo Mib, and Baixo Sib. The music is written in common time (C) and features a variety of dynamics including fortissimo (ff), piano (p), and mezzo-forte (mf). The score is divided into measures by vertical bar lines, and there are repeat signs and first/second endings indicated. The page number '180.' is visible at the bottom right of the score.

Partitura 12 – Marcha fúnebre *Corrêa Lima* partiturizada por Leonardo Araújo Ferraz e divulgada como sendo de autoria de Luiz Coutinho.

Campanha da Fraternidade 2025

Tema: Fraternidade e Ecologia Integral

Lema: “Deus viu que tudo era muito bom” (Gn 1,31).

A Campanha da Fraternidade 2025 nos chama à conversão ecológica, à fraternidade, a louvar a beleza da criação e da vida plena. A temática ambiental que se faz sempre presente na proposta cristã e nas campanhas de fraternidade anteriores, alerta-nos uma vez mais, ou nos convertamos em nossas atitudes, individuais e coletivas para com a natureza e o planeta ou caminhamos a passos largos para o colapso.

Abandonarmos a lógica extrativista e mercantilista que vê a Terra como um reservatório sem fim de recursos para uma lógica de cuidado, bom senso, gratidão, zelo.

A busca/prática de um humanismo integral, solidário, de diálogo, enfim, um pacto educativo global, alicerçado na compaixão, solidariedade, cooperação.

Ecologia igualmente espiritual de reconhecimento a Deus pela dádiva, da vida, dos elementos naturais que nos são imprescindíveis dia a dia.

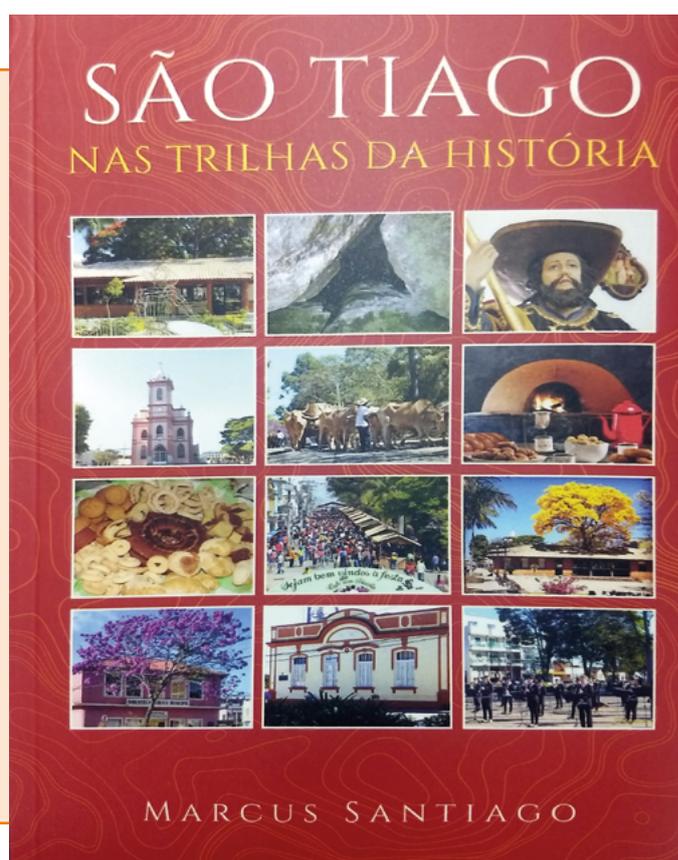


Prof. Marcus Santiago lança o livro sobre a história de São Tiago

Fomos/somos brindados com o recente lançamento da obra **“São Tiago nas trilhas da História”**, Ed. **Bueno Teixeira**, autoria do consagrado escritor e pesquisador **Marcus Antonio Santiago**, com amplo e minucioso enfoque sobre nosso município em seus aspectos históricos, econômicos, sociais, religiosos, culturais e afins.

A obra – que homenageia igualmente os 75 anos de emancipação político-administrativa do município de São Tiago – mereceu exaustivas e exuberantes pesquisas por parte do autor, uma verdadeira enciclopédia, um marco da cultura local-regional e que, honra sob todos os aspectos os foros identitários e históricos de nossa comunidade.

Ao Prof. Marcus nossos cumprimentos e apreço de sempre.



AO PÉ DA FOGUEIRA



MADEIRA DE LEI

A carreta, resfolegante, buzina estridente, abarrotada de toras de madeira, manhã chovediça, nevoenta de domingo, adentra a praça, chamando a atenção dos moradores, vários deles recém-saídos da igreja, ao término da missa. Veículo com placa embaçada pela lama, dificultando a identificação, pára próximo ao bar da esquina. O motorista, com ares de cansaço ou borracho, informa-se junto a um transeunte quanto ao endereço da serraria ali nas adjacências, local de desova das enormes toras.

- O quê?! Minha Nossa... Tudo madeira de lei, espanta-se o transeunte, por sinal, lavrador, homem bem entendido no assunto

- Trouxe lá dos lados do Jacaré, de um pessoal Romanelli, Guganelli ou nome assim, para entregar na serraria de um tal sr. Dinho... Nem nota tem... Aliás, pediram-me para ser muito discreto na viagem e na entrega...

- Ah, o sr. Dinho é o novo proprietário, aliás de não muito tempo. Antes era do sr. Rui, esclarece o morador, indicando ao motorista a localização da serraria, uns dois quarteirões adiante.

Portão de entrada preso com arame, madeira despejada no interior da serraria, algumas peças sobrando para a rua, o veículo ganha, rápido, a estrada.

Manhã seguinte, segunda feira embuscada, bairro e toda a cidade despontam alvoroçados, movimento inusitado de veículos e pessoas estranhas, alterando a rotina bucólica, cotidiana do lugar. Viaturas da policia florestal, fiscais do IBAMA irrompendo pelas pacatas ruas, atraindo a atenção geral. Denúncia anônima, segundo se dizia. A serraria é literalmente cercada, tomada de assalto. Laudos e autos de infração, às dúzias, são lavrados contra a empresa e seu proprietário, acusados de aquisição e receptação de madeira nativa, sem procedência legal, desmatamento criminoso, sonegação, o que tudo mais se possa imaginar... Alvo da operação e transgressão o sr. Rui, ex-pro-

prietário! Para a fiscalização, ainda – e oficialmente – o real proprietário do estabelecimento sobre quem recaem muitas astronômicas e a imputação de hediondos crimes.

Este se defende mediante recurso, alegando ter vendido a empresa há cerca de um mês ao sr. Dinho, apresentando um contrato de compra e venda interpartes, esclarecendo ainda estar o processo de transferência em vias de finalização junto às Receita Estadual e Federal e órgãos ambientais. Consubstancia seu pedido, mediante ampla argumentação e documentação devidamente anexadas ao processo de defesa.

Passam-se meses, anos. Mutismo total, resposta alguma, seja por parte do IBAMA, Policia Florestal, Receitas estadual ou federal, justiça, seja lá o que for... Não recebe quaisquer intimações, não é convocado para depoimentos ou qualquer outra manifestação... E o tempo passa... Provavelmente, assim pensa, sua argumentação fora acatada pelo órgão ambiental e, dessa forma, inocentado quanto a responsabilidade na aquisição da madeira. Enquanto isso, Sr. Dinho, que era o verdadeiro comprador da madeira nativa, passa de liso em todo o processo, tocando normalmente a serraria.

Passados quinze anos aproximadamente, eis Sr. Rui aturdiado com avassaladora notícia. Seus parcos bens, inclusive pequena propriedade rural, iriam a leilão judicial, sob a pecha de dívida ativa para com a União. Uma multa de cerca de três mil à época da notificação, agora está em mais de oitenta, beirando cem... Contratado advogado, verificou-se que o processo corra á revelia, ao longo dos anos, embora sr. Rui jamais recebesse qualquer comunicado ou sequer convocado para alguma audiência. Não teve outra saída senão levantar empréstimo bancário, vender bens e liquidar o débito indevido para com a União, antes que sua pequena propriedade fosse de fato leiloada. Enfim perder os anéis para não perder os dedos...

Realização:



Apoio:

